



CORPO FREUDIANO
ESCOLA DE PSICANÁLISE

boletim

mágico

dezembro 2024

edição n.23 aperiódico

Editorial 01
Arthur Pereira

03 O horror e o prazer: angústia e fantasia no caso do Homem dos Ratos
Ricardo Lima

O Homem dos Ratos 07
Elisabeth Bittencourt

11 O Homem dos Ratos segundo Octave Mannoni
Pedro Dalla Bernardina Brocco

O impasse do desejo do sujeito obsessivo: notas sobre o capítulo XXII do Seminário 5 18
Ligia Julianelli

24 Algumas considerações sobre a neurose obsessiva e o luto na prática analítica
Ana Karla C. Ferreira

Entre linhas da angústia 30
Luisa Mauricio Veiga

34 Amor, morte e arte
Liliane Barreto da Cunha

Afinal, o que é essa tal adolescência?! 38
Thais Erthal Leite Ribeiro

46 Solitude analítica - Uma carta
Pâmela Mizurini

Acontecidos 49

EDITORIAL

Caros leitores,

Após um hiato nas publicações do Bloco Mágico, temos o prazer de retomar este trabalho com a participação de muitas mãos e muitas ideias. A equipe editorial, composta por antigos e novos membros, conta, a partir desta edição, com as ricas contribuições de Acyr Maia, Jurandir Junior, Marcia Xavier, Paula Maribondo e - *last, but not least* - Tania Rosas, quem foi responsável pela edição do boletim durante os últimos anos com afeto e entusiasmo. Com este número, assumo a edição do boletim com a expectativa de manter viva a marca deixada pela antiga equipe e editora após vinte e dois números publicados.

Esperamos, com este retorno, fazer circular a transmissão da psicanálise que ocorre no Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, em seus diversos núcleos e seções, numa tentativa desejante de “conquistar” e “fazer nosso” - parafraseando Goethe - aquilo que herdamos de Freud, Lacan e tantos outros analistas.

Para a vigésima terceira edição do Bloco Mágico, apresentamos textos de diferentes analistas em formação participantes da Secretaria Clínica da seção Rio de Janeiro, produzidos a partir de temas discutidos ao longo dos últimos semestres na escola, bem como a partir de reflexões provenientes do Dispositivo do Caso Clínico.

Assim, iniciamos com o texto intitulado *O horror e o prazer: angústia e fantasia no caso do Homem dos Ratos*, de autoria de Ricardo Lima, que apresenta uma leitura rica do célebre caso clínico de Freud conhecido como “Homem dos Ratos” em articulação com dois importantes conceitos da teoria da clínica psicanalítica, que são a fantasia e a angústia.

Seguindo na mesma esteira do referido caso clínico, acompanhamos o texto *O Homem dos Ratos*, de Elisabeth Bittencourt, que trata rigorosa e poeticamente de sua (re)leitura do caso, mais especificamente das anotações originais de Freud sobre o paciente, que constam na mais recente edição brasileira publicada pela editora Autêntica na coleção *Obras Incompletas de Sigmund Freud*, em 2022.

Pedro Brocco, no texto *O Homem dos Ratos segundo Octave Mannoni*, dá sequência à discussão sobre o mesmo caso, mas, dessa vez, a partir da perspectiva do importante psicanalista francês Octave Mannoni, propondo uma discussão complexa sobre o dialeto do neurótico obsessivo.

Na sequência, temos o texto de Ligia Julianelli, *O impasse do desejo do sujeito obsessivo: notas sobre o capítulo XXII do Seminário 5*, que busca explorar de modo mais amplo a neurose obsessiva, especialmente no que diz respeito ao desejo inconsciente, conforme desdobrado por Lacan.

Ainda em articulação com o tema da neurose obsessiva, no texto *Algumas considerações sobre a neurose obsessiva e o luto na prática analítica*, Ana Karla Ferreira discute a problemática do luto nesta estrutura clínica, recorrendo a ensaios e artigos fundamentais de Freud, mas também ancorando-se em textos de Marco Antonio Coutinho Jorge para tratar da culpa - marca da neurose obsessiva, mas também presente em muitas experiências de enlutamento.

Seguindo adiante, Luísa Veiga, no expressivo texto intitulado *Entre linhas da angústia*, trata de sua experiência com a leitura do

seminário 10, sobre a angústia, de Lacan. De forma vívida e implicada, a autora transmite a experiência de angústia presente no próprio estudo da obra lacaniana, mas não sem também transmitir rigorosamente a teoria do psicanalista francês.

No texto *Amor, morte e arte*, Liliane da Cunha explora poeticamente os temas do amor e da morte a partir da psicanálise e de referências artísticas, como a peça *Beijo no asfalto*, de Nelson Rodrigues, o livro *As intermitências da morte*, de José Saramago, e a obra *Fragmentos de um discurso amoroso*, de Roland Barthes.

Thais Erthal, por sua vez, explora questões relativas à adolescência em seu texto *Afinal, o que é essa tal adolescência?!*. Temas como pulsão, sexualidade e gozo são desdobrados neste rico trabalho para pensar a clínica psicanalítica com adolescentes.

Para encerrar este número, entregamos aos leitores um relato, mais especificamente o texto *Solitude analítica - Uma carta*, de

Pâmela Mizurini. Nesta carta, de maneira sensível, a autora compartilha um pouco de sua experiência no Dispositivo do Caso Clínico da escola e nos convida a uma reflexão sobre o lugar do psicanalista e seus impasses.

Por fim, destacamos o *XIV Encontro Nacional e XIV Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - O laboratório do analista: ética e poética*, organizado pela seção Goiânia, que ocorreu em Pirenópolis nos dias 28, 29 e 30 de novembro deste ano. As fotos e dados que aqui expomos mostram um pouco do sucesso do evento, que contou com diversas conferências e mesas de apresentação de trabalhos, em uma troca produtiva entre analistas de diferentes seções e núcleos da escola.

Boa leitura!

Rio de Janeiro, dezembro de 2024.

Arthur Pereira
Editor

BLOCO MÁGICO

Boletim de circulação interna do CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

Editor: ARTHUR T. PEREIRA

Equipe: ACYR MAIA, JURANDIR JUNIOR, MARCIA XAVIER, PAULA MARIBONDO E TANIA

ROSAS

Secretaria de Publicação: VIVIAN LIGEIRO

blocomagico@corpofreudiano.com.br

CORPO FREUDIANO ESCOLA DE PSICANÁLISE

contato@corpofreudiano.com.br | www.corpofreudiano.com.br

BRASIL

SEÇÕES

Barra Mansa (RJ)

Belém (PA)

Campos dos Goytacazes (RJ)

Cuiabá (MT)

Fortaleza (CE)

Goiânia (GO)

Imperatriz (MA)

João Pessoa (PB)

Rio de Janeiro (RJ)

São Luís (MA)

Teresópolis (RJ)

NÚCLEOS

Brasília

Campo Grande (MS)

Londrina (PR)

Macaé (RJ)

Nova Friburgo (RJ)

Porto Alegre (RS)

São Paulo (SP)



Teresina (PI)
Vassouras (RJ)

FRANÇA

SEÇÃO
Paris

ESTADOS UNIDOS

SEÇÃO
Estados Unidos

O horror e o prazer: angústia e fantasia no caso do Homem dos Ratos

Por Ricardo Lima

Em 1909, Freud publica o relato clínico conhecido como o Homem dos Ratos, referente a um tratamento que teve início em 1º de outubro de 1907 e se prolongou por onze meses. Era um homem que relatava carregar consigo o peso de pensamentos que não o deixavam em paz, ideias que surgiam como sombras amedrontadoras, das quais não conseguia se afastar. Nos anos que antecederam sua decisão de buscar ajuda, essas ideias se tornaram ainda mais insistentes.

Havia uma dama em seus pensamentos, uma mulher a quem ele dedicava um amor idealizado e ambíguo. O temor de que algo terrível pudesse acontecer a ela o consumia. Assim, também apresentava angústia em relação ao pai, temendo que, mesmo depois de morto, ele pudesse, de alguma forma, ser vítima de algo terrível. Tais ideias insistentes e radicais eram acompanhadas por uma série de sintomas, frequentemente na forma de pensamentos.

Freud faz uma importante observação logo na abertura de seus escritos a respeito do caso do Homem dos Ratos ao caracterizar a neurose obsessiva como um "dialeto da histeria" (1909/1974, p. 160). Essa metáfora inovadora sugere que, apesar das diferenças entre essas condições, ambas compartilham uma base comum nos processos inconscientes. Freud buscava destacar que a neurose obsessiva, com seus sintomas e características próprias, poderia ser entendida como uma manifestação particular das dinâmicas psíquicas que também subjazem à histeria.

A expressão "dialeto da histeria" está igualmente relacionada ao desejo. A impossibilidade, nesse contexto, pode ser entendida como uma forma de expressar a insatisfação característica da histeria, ambas evidenciando a dificuldade do neurótico em lidar com seu desejo, conforme bem observado por Coppus e Bastos (2012). Cabe destacar que, ao abordá-la como um "dialeto", é possível para nós, analistas, apreendê-la em nossas escutas e utilizarmos dessa forma de linguagem do sujeito do inconsciente nos manejos da transferência. Sigamos os caminhos traçados por Freud, explorando os múltiplos indícios da neurose obsessiva que se desvelam ao longo deste caso.

Ernst Lanzer, conhecido como o "homem dos ratos", descreve a experiência que contou a Freud como motivo imediato para procurá-lo, ou seja, sua entrada em análise se dando pela via do sintoma, não por um afeto que se desloca para uma parte do corpo, mas um que se liga a outras ideias, característica bem comum na estrutura obsessiva.

Em uma de suas manobras militares, perde seu óculos e telegrafa aos oculistas em Viena para que enviassem um novo par pelo próximo correio. Durante essa mesma viagem, escuta de um oficial, tido como alguém que "gostava de crueldade", um terrível castigo praticado no leste europeu: amarravam o praticante do crime e viravam um balde com alguns ratos em suas nádegas. Esses ratos cavariam caminho dentro de seu ânus.

Lanzer fica muito afetado por essa história e, enquanto isso, recebe notícias de que seus óculos estavam prontos e que um tenente os havia recebido e pagado ao emissário. Eis que lhe ocorre, então, algo característico da neurose obsessiva: um pensamento intrusivo, na velocidade de um “relâmpago” (Freud, 1909/1974, p.171), deslocado de um contexto, mas que, claramente, o levava a crer que, se ele não pagasse o dinheiro para o tenente A., o castigo seria aplicado primeiro à dama por quem nutria admiração. Mais adiante no texto, revela-se que uma segunda ideia simultânea surge, a de castigo sendo aplicado a seu pai, embora este já houvesse falecido.

Podemos destacar vários elementos importantes nesse trecho. Primeiramente, a ideia de uma estruturação ideativa: “se eu não fizer isso, algo ruim vai acontecer a quem eu amo”. Tal formulação nos leva ao sintoma obsessivo mais comum, que é a dúvida, a procrastinação, a dificuldade de tomar decisões, pois Lanzer não conseguia decidir se queria casar com a dama, revelando um antagonismo mútuo entre um amor intenso e uma suposta indiferença em relação a ela (Freud 1909/1974, p. 196-7).

Outra questão é a impossibilidade real do castigo ser aplicado a seu pai, que já havia falecido anos antes. Porém, há uma independência moral e estética entre o pensamento do sujeito e a realidade, conforme destacado por Christian Dunker (2018).

Um ponto que nos chama atenção nesse trecho e, sem dúvida, é inspirador na prática clínica, é que Freud parece não hesitar em certas intervenções na fala desse sujeito obsessivo na condução da sessão: ajuda-o a completar a frase com “em seu ânus” quando o paciente se levanta do divã, demonstrando todo seu horror e resistência em descrever o castigo; enfatiza a importância de superar as resistências, afirmando ao paciente que, embora não

tivesse o menor gosto por crueldades, era necessário que ele falasse sobre os detalhes e tudo mais que lhe viesse à mente, isto é, Freud coloca na mesa não apenas a regra fundamental da psicanálise, mas também a lei da superação das resistências, e fala até mesmo que “ajudaria”, “tentando adivinhar o pleno significado de quaisquer pistas que o fornecesse” (1909/1974, p. 171).

Na escuta de Freud, o que se destaca não é tanto o teor da crueldade do castigo, mas o horror do paciente diante de um prazer que o habitava, ainda que lhe fosse desconhecido. Barros (2015) discorre sobre como Freud não pretende ser o sucessor do capitão cruel, nem sequer lança mão de uma atitude de poupar-lhe de recontar a cena horrenda. Antes, procura uma terceira posição, buscando “inventar um lugar inédito, de onde poderá ouvir o relato do Homem dos Ratos e devolver-lhe em seguida, como interpretação, os efeitos de gozo da cena” (BARROS, 2015, p. 29). Importantes considerações que nos servem de faróis em nossa escuta e manejo clínico, uma vez que, com Lacan, sabemos que a posição do analista não tem como ser outra se não de objeto causa de desejo. Por outro lado, nos remete à importância da análise pessoal em nosso tripé, sem a qual os contornos do suportável da escuta de cada analista se nublam.

Freud fala mais adiante sobre as dificuldades aparentemente externas que impediam o paciente de cumprir seu juramento de pagar o tenente A. Ele elabora uma série de planos para executá-lo, à medida que sua angústia aumenta. Isso pode ser escutado na clínica com neuróticos obsessivos a partir de relatos de planos e tramoias pormenorizados em que o sujeito parece ter tudo “sob controle” quanto aos prazos, os percursos que serão necessários para realizar determinada tarefa, ou calculando rotas e variáveis da logística antes de sair de casa, pensando em cobrir todos os buracos e “pontos cegos” de tudo de errado que pode

acontecer, e assim, vai acrescentando novas variáveis que os próprios assumem serem desnecessários. No fim, o objetivo final também é adiado ou não concretizado, o que pode incorrer em culpa e autocensura, por ter “falhado mais uma vez”.

O próprio Freud, na terceira sessão, questiona a viabilidade dos planos do Homem dos Ratos, ao que ele responde garantindo que teria tempo suficiente entre a chegada de um trem e a partida de outro para visitar um amigo em Viena antes de seguir viagem rumo ao cumprimento de sua promessa de pagar o Tenente a quem devia (p. 176). Podemos recolher daqui uma intervenção interessante, a de o analista expor sua dúvida, trazendo as contingências da vida como intervenção no discurso todo “arrumadinho” do obsessivo, sobre aquilo que ele garante ter sob controle.

Ao passo que Freud introduz a dúvida em certos momentos da fala do sujeito, também ressalta a importância do analista suprimir sua curiosidade e deixar que o paciente se submeta à associação livre. Graças a isso, o Homem dos Ratos escolheu trazer, em determinado momento, a história da última doença de seu pai, que havia morrido de enfisema nove anos antes. O médico havia dado um prazo para que o perigo de uma de suas crises passasse e Lanzer não esperava que o pai pudesse morrer nesse meio tempo. Ao deitar para dormir, foi acordado no meio da noite com a notícia de que seu pai havia morrido enquanto ele não estava presente e que, inclusive, ele havia perguntado pelo filho. A autocensura viria apenas meses depois deste episódio, contudo, foi precedida por uma não elaboração da morte do pai – construía fantasias de que o pai ainda estava vivo e poderia chegar em casa em certos momentos, ou que poderia contar algumas piadas para ele.

Neste caso, fica evidenciado como se dá o deslocamento do afeto – neste caso, a culpa

intensa – que se desvincula de um conteúdo ideativo e se vincula a um substituto, estabelecendo o que ele chama de “falsa conexão” (Freud, 1909/1974, p. 179). Freud, para explicá-la, usa a metáfora da polícia que, não podendo agarrar o assassino certo, prende uma pessoa errada em seu lugar.

Em seguida, começa a expor ao Homem dos Ratos como ele próprio estava descobrindo algumas das principais características do inconsciente. A começar pela divisão de sua personalidade, entre um eu moral e um eu inconsciente, e a relação do inconsciente com o infantil. “O inconsciente é o infantil; era aquela parte do eu que ficara apartada dele na infância, que não participara dos estádios posteriores do seu desenvolvimento, se tornando recalçado” (FREUD, 1909/1974, p. 181). O conteúdo recalçado retorna através dos pensamentos intrusivos. Nos casos de neurose obsessiva, o infantil não apenas está presente como também as pulsões sexuais se dão muito prematuramente e são mais intensas na infância que na puberdade. Se o inconsciente é o infantil, é porque é como Cronos: eterno, atemporal.

Ao falar sobre o medo que desenvolveu de seus pais adivinharem seus pensamentos, o paciente fala da primeira lembrança de ter desejado a morte de seu pai, para que assim pudesse conquistar uma jovem que lhe interessava aos doze anos. Ele, a princípio, considera esse desejo como objeto de medo, de horror, ao que Freud cita um novo fragmento de sua teoria, a de que todo medo corresponde a um desejo recalçado. Isto é dizer que o inconsciente seria o exato contrário do consciente, e o intenso amor é precondição para o ódio recalçado. No inconsciente, é possível manter um dos afetos, enquanto na consciência, o outro. Não são excludentes - e vez por outra, o afeto recalçado pode irromper na consciência por alguns instantes.

No caso aqui estudado, Freud demonstra como o ódio inconsciente pelo pai encontrava sua indestrutibilidade na natureza sensual, ou seja, um conflito prematuro entre sensualidade e o amor infantil, em que o pai entra como uma interferência no amor de Lanzer por alguém que seu pai desejava sensualmente na primeira infância.

Freud começa a notar que existe certa recorrência nas palavras que nomeiam os conflitos do sujeito e como elas apontam para uma ambivalência que diz respeito aos sentimentos hostis que o Homem dos Ratos sentia em relação a seu pai. O recalçamento do desejo sádico pela morte do pai e de seu ódio a ele tem como resultado seu retorno, sob forma de fantasias de castigo imposto a ele.

No ato da escuta, as resistências saltam ao ouvido de Freud, o que leva os autores Hudson Andrade e Cleyton de Andrade (2020) a pontuarem que Lacan retoma o caso clínico do Homem dos Ratos, no Relatório de Roma, para situar o lugar preciso da interpretação. Escrevem: “Interpretação que consiste antes em fazer vibrar a ressonância da fala, produzindo efeitos transformativos, do que se perde nos caminhos tortuosos do gozo” (p. 13).

As palavras do paciente, trabalhadas por Freud neste caso, apontam para um dos importantes paradigmas da interpretação analítica (ANDRADE; ANDRADE, 2020, pp. 12-13): a equivocidade em torno da

materialidade das palavras, que denuncia o excedente pulsional, aquilo que resiste à simbolização, à nomeação, e insiste em comparecer infiltrado no sintoma. Entre o horror e o prazer que habitam o sujeito, a única aposta possível para o analista é que há um saber nesse dialeto, e que ele emergirá na linguagem via associação livre. Sobretudo em casos de neurose obsessiva, percebemos, desde Freud, que cabe ao analista ter paciência e uma escuta apurada para saber quando apontar sua lanterna quando o significante emergir.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, H. V. de; ANDRADE, C. S. de. Os princípios da interpretação analítica freudiana no caso do Homem dos Ratos. *Analytica: Revista de Psicanálise*, [S. l.], v. 8, n. 15, 2020, p. 1-17. Disponível em: <https://seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/2900>. Acesso em: 2 set. 2024.

BARROS, R. *Compulsão e obsessão: uma neurose de futuro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COPPUS, A. N.; BASTOS, A. O corpo na neurose obsessiva. *Psicologia Clínica*, v. 24, n.2, 2012, p. 115-125.

DUNKER, C. *O caso do homem dos ratos*. Youtube, 8 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FvV7u-BpxL8>. Acesso em: 01 set. 2024.

FREUD, S. Notas sobre um caso de neurose obsessiva [1909]. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. 10, p. 159-252. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

RICARDO LIMA é analista em formação pelo Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro, formado em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisador com interesse nas interfaces entre psicanálise, contemporaneidade e masculinidades.

Contato: rd.limapsi@gmail.com

O Homem dos Ratos

Por Elisabeth Bittencourt

Ratos? Como assim? Esse significante me joga direto para os idos da década de 80 quando iniciei minha formação. Lembro que quando li pela primeira vez “O Homem dos Ratos” quis correr da psicanálise e dos ratos também...

Lembro que eu, amante que sou de Camus, quando abri a primeira página da obra *A Peste* (CAMUS, 1947) e apareceram aqueles ratos, fechei rapidamente. Então, quando Tania Rosas falou para mim que este caso clínico seria o primeiro caso a ser estudado na Secretaria Clínica do Corpo Freudiano, lembro que levei um susto e soltei um: “Não acredito!”.

Pois bem... estou eu agora, iniciando um escrito inspirado no *Homem dos Ratos*. E como se não bastasse o susto inicial, ainda fico incumbida de escrever sobre a terceira parte das Anotações Originárias/Originais do caso, cuja existência nunca havia percebido, depois de ter voltado a esse texto tantas vezes no decorrer desse tempo.

Era assim mesmo que começava a minha escrita. Entre desalojamentos e deslocamentos... Mas... por que Freud teria levado para Londres essas anotações originárias? Sabendo que o espírito detetivesco não vai me ajudar muito, sigo em frente.

A primeira vez que me deparei com esse manuscrito, todo cifrado por abreviações, algumas vezes desrespeitando as regras da gramática, fiquei aturdida. Achei que estava diante daquilo que podia ser a escrita de um sonho. Sonho meu? Existia algo ali no funcionamento dessa escrita que a aproximava da estrutura e funcionamento do sonho?

E mais ainda... a escrita dessas anotações originais pela singularidade com que elas são escritas, valendo-se de abreviações, colchetes que abrem, mas não fecham, produzem uma leitura que quer se aproveitar dessas liberdades da gramática e da sintaxe? Barthes gostaria dessa frase! Uma transgressão ao fascismo da língua que obriga a dizer: “Mas a língua, como desempenho de toda a linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer” (BARTHES, 1977-1978/1980, p. 14).

Na edição da Imago (FREUD, 1909/1974) há uma foto do manuscrito. Impressionante. Esta edição não privilegia as abreviações e outras liberdades com a grafia e regras da gramática e frases que se interrompem, como o diz o editor da tradução da Autêntica (FREUD, 1909/2022). A Imago retifica as notas originárias de Freud escritas com o próprio punho. Barthes não ia gostar desse ato de linguagem!

Érik Marti, no prólogo da intrigante obra de Roland Barthes, *Como viver junto* (1976-1977/2003), coloca que Barthes, logo no início da sua vida “intelectual”, ao ser questionado por que não publicava seus cursos no Collège de France, cita Valéry: “A forma custa caro”. Ele coloca que transposições languageiras entre a fala e a escrita, ou outras modalidades, como por exemplo falar no rádio ou numa mesa redonda, produz efeitos diferentes. Se transcrevo uma fala, não se trata mais da fala, no mínimo ela vai precisar ser estabelecida por um outro que não é mais o falante.

A questão de não publicar suas aulas indica uma ética do próprio Barthes, ou como diz Érik Marti: “*um tratado de estilo?*” (1976-1977/2003, p.X, grifo do autor). O meu lado barthesiano que é forte, se espantou quando encontrou o manuscrito das anotações originais do caso, feito com o próprio punho de Freud. Essas anotações cifradas traziam um estilo de escrita diferente do discorrer do caso e das posteriores elaborações teóricas, provocando efeitos em mim...

Também não sei aonde quero chegar com essas observações, a não ser que o fato dessas anotações por terem um “caráter singular” como aponta o editor, acendeu meu espírito investigativo que ainda pouco disse que não ia levar a nada. Talvez levantar material para futuros trabalhos. Talvez tenha a ver com a minha ética pessoal herdada de Barthes. Um manuscrito no original, sem retificações posteriores. Talvez porque queira apontar outras possibilidades de leitura dessa escrita?

Como diria Barthes (1976-1977/2003), faz diferença esse estilo de registro de um relato de um caso clínico. Quando leio esse manuscrito é como se ele se apresentasse como a escrita de um sonho? Todo cifrado. Vejo até hieróglifos... Talvez esteja fantasiando demais. Mas que tem um oculto sobredeterminado por detrás dele, me parece evidente/claro...

A ESCRITA DO CASO

Não mais as anotações originárias

Inspirada por Mauro Mendes Dias, destaco, junto com o editor da Autêntica, as duas vezes em que Freud teria cometido “erros” na escrita desse caso clínico. Atos falhos? O primeiro deles, quando Freud (1909/2022, p. 534), “ao escrever *Schwertern*. *Schwestern* significa irmãs, e *Schwertern*, espadas”. Eu fiquei com os olhos ardendo buscando a letra do ato falho. Também porque o alemão é uma língua que me atrai, mas que

também me trai por conta de um infamiliar que ela me traz.

Uma letrinha que cai e muda tudo no rumo da cadeia significante. É o retorno do recalcado que a escrita pode proporcionar. “Ele está junto à dama, ela está muito amável com ele: conta a ela suas ideias obsess. e a proibição com as irmãs [...]” (FREUD, 1909/2022, p. 476). Irmãs no lugar de espadas! É o retorno do recalcado de Freud que ele registra na escrita desse caso.

O outro “erro” de Freud (1909/2022) em sua escrita é quando ele troca o nome da “irmã homônima do paciente”: “Isso diz respeito ao fato dessa Lise sempre lhe parecer mais complicada que Julie [...]” (p. 478). Conforme nota do editor alemão: “a alusão não se refere à irmã homônima do paciente, uma vez que ela, no momento da análise, ainda estava viva [...]” (p. 476). Mais uma vez a irmã aparece! A queda de uma letra, ou a substituição de uma palavra, favorece a quebra de uma linearidade em que o retorno do recalcado cai e aparece na escrita do caso?

Lacan (1971-1972/2012) no seminário “... ou pior”, texto que anda permeando minhas leituras, diz que a escrita é o retorno do recalcado. Se começo a fazer uma leitura nestes termos, isso significa que estou diante da escrita de um caso clínico que é antecedido por anotações do punho de Freud, daquilo que ele escutou de seu paciente, e que na escrita do caso algo da pessoa de Freud apareceu.

NOTAS ORIGINÁRIAS

Tropeço na língua

Nas notas originárias, o editor coloca que “o gênero textual apresentado por Freud nesses registros originais é bastante singular, justamente por ser o estágio preliminar, o nascedouro, de onde surgirá o texto bem elaborado da história clínica” (DIAS, 2022, p. 531). E mais, um gênero de

texto/literário escrito por Freud com “encurtamento de palavras, frases truncadas, a elementos sintáticos numa certa desordem, etc...”. Esse gênero de texto, seria um gênero literário? Vem a minha lembrança palavras de Marguerite Duras (s/d, p. 11): “A palavra é mais importante que a sintaxe. São antes de mais nada as palavras, sem artigos, aliás, que vêm e se impõe. O tempo gramatical segue-as, bem de longe”. Os artigos vêm e se impõem. As sujeições a concordância, subordinação e ordem que convêm à sintaxe, acompanham de longe...

Comecei a me perguntar o que seria propriamente dito o relato de um caso clínico? Teria algo de literário nele, efeito da escuta clínica? No caso das anotações originais, o editor coloca que:

Em linhas gerais, evita-se ‘reorganizar’ ou ‘corrigir’, na tradução, o texto original, seja do ponto de vista linguístico, seja sob a ótica estilística, pois isso roubaria seu caráter provisório. [...] Com esta tradução, espera-se que leitoras e leitores tenham uma ideia das dificuldades encontradas na leitura dos registros originais de Freud, um gênero textual ‘criptografado’ (FREUD, 1909/2022, p. 531).

CASO CLÍNICO

No relato do caso do Homem dos Ratos, Freud (1909/2022) já nos mostra do que se trata na Psicanálise. Ele parte da experiência clínica. Ele se vale dos primeiros registros que fez da escuta de Ernst Lanzer. Esse é o ponto de onde floresce a invenção da Psicanálise. Matéria bruta que ele vai esmiuçando de uma forma que nos deixa boquiabertos. Ele vai avançando e criando seu próprio campo de saber que com certeza vem de um outro lugar desconhecido (até os dias atuais). Não podemos apreendê-lo todo. Somente por partes que vão se mostrando pouco a pouco, sempre no não todo, fundando um Outro campo de saber. Criação ou invenção?

O relato do caso do Homem dos Ratos teria o seu primeiro registro nas anotações originárias que Freud resolveu conservar. Na primeira parte “Da história da doença” (1909/2022, p.338) ele nos conta dos fragmentos da história de Lanzer. Já nesse primeiro momento, ele vai esticando os limites do saber, achando as pegadas da neurose obsessiva, para lembrar *Lituraterra*, de Lacan (1971-1972/2012). Ele nos apresenta uma história clínica, já marcada por uma elaboração teórica.

Na segunda parte, ele nos apresenta as considerações teóricas (1909/2022). E por último, as anotações originárias que antecedem o relato do caso e que me fizeram retornar a uma questão que me vem assaltando nos últimos tempos: o que vem primeiro, a leitura ou a escrita? Para que serve a escrita se não podemos lê-la? Da mesma forma, para que serve o sonho se não podemos decifrá-lo/interpretá-lo?

A teoria como efeito da clínica. A teoria é feita dos restos da clínica? Não é possível transmitir o todo do caso, só seus restos que depois de uma escuta vão sofrer a ação de uma elaboração teórica? Para não me estender muito nesse espanto inicial, deixo aqui uma frase que escrevi há um tempo atrás quando decidi que não mais ia dar seminários, cursos, etc...; somente ia ler o que escrevia: “As palavras para mim são como fios para trançar a poética com a teoria”. A teoria como efeito da poética? Aqui no Homem dos Ratos, a teoria como efeito dos restos do manuscrito, da escuta clínica?

Para finalizar, a última anotação originária manuscrita pelo próprio punho de Freud:

Hoje. 5 sonh., 4 deles milit. Do primeiro se depreende raiva contida contra oficiais e contenç. a para não desafiar um deles por bater no traseiro do sórdido garçom Adolf. [Esse Adolf é ele mesmo]. Isso desemboca em cena dos ratos por mediação do pincenê [Kneifer] que ele deixou cair e perdeu, e toca nos primeiros anos da

univer. , em que foi suspeito por 'beliscar' , porque se deixou levar uma bofetada por colega por sugestão brincalhona de Springer e depois não mais acompanhou a coisa (FREUD, 1909/2022, p. 529).

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. *Como viver junto* [1976-77]. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, R. *Aula* [1977-78]. São Paulo: Cultrix, 1980.

DURAS, M; GAUTHIER, X. (s/d.). *Boas Falas*. Conversas sem compromisso. Rio de Janeiro: Record.

FREUD, S. Notas sobre um caso de neurose obsessiva [1909]. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. Anotações originais sobre um caso de neurose obsessiva (caso Homem dos Ratos) [1909]. In: *Histórias Clínicas. Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LACAN, J. *O Seminário, livro 19: ...ou pior* [1971-72]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

ELISABETH BITTENCOURT é analista em formação do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro. Fundadora da Escola de Psicanálise do Maranhão e da Escola Lacaniana de Psicanálise do Maranhão. Foi analista membro da Escola Lacaniana de Psicanálise do Rio de Janeiro e Membro do Núcleo de Direito e Psicanálise da UFPR - Universidade Federal do Paraná. Especialização em Psicolinguística pela Universidade de Campinas. Artigos publicados em diversas revistas de psicanálise. Autora dos livros *Vaidade no feminino* (Ed. Cia de Freud) e *Rumores Internos... Entre o Mal-estar, a Psicanálise e o Direito* (Ed. Empório do Direito).

Contato: bittencourtelisabeth1@gmail.com

O Homem dos Ratos segundo Octave Mannoni¹

Por Pedro Dalla Bernardina Brocco

Octave Mannoni publica em 1969 um livro contendo ensaios com temas diversos relacionados à psicanálise chamado *Chaves para o imaginário* (MANNONI, 1969/1973). Com candente inventividade ao longo do livro, em um dos textos Mannoni propõe uma espécie de balanço sobre o caso do Homem dos ratos, retomando o relato clínico de Freud relido pelo ensino de Lacan e marcando a atualidade que esse caso clínico ainda nos apresenta. A leitura do caso se tornou mais fecunda quando foi possível, a partir de 1954, ter acesso à publicação do material que compõe o diário clínico² com as anotações cotidianas que Freud realizou durante o tratamento.

A história é conhecida, mas Mannoni sublinha aspectos bastante relevantes: em outubro de 1907, um jovem jurista de 29 anos, que acabava de participar de manobras militares na qualidade de oficial da reserva, procura Freud para tentar lidar com representações obsessivas que o atormentavam consideravelmente. Sua escolha em procurar Freud foi consequência de ter lido *Psicopatologia da vida cotidiana*. Sua procura já revelava algo do que Lacan irá delinear como a suposição de saber feita ao analista. Tal fato é relevante se o compararmos com o caso de Dora, no qual quem procura Freud é o pai de Dora, e não a paciente. No caso do *Pequeno Hans*, também é o pai de Hans que recorre a Freud. O caso do *Homem dos ratos* é o primeiro

caso clínico relatado por Freud em que o próprio paciente traz, nas entrevistas iniciais, o elemento de sua motivação de procurar análise a partir de um enlaçamento com um saber suposto ao analista. O que Freud havia escrito na *Psicopatologia da vida cotidiana* e suas teorias sobre a sexualidade e o inconsciente teriam relação com o sofrimento do paciente.

Mannoni afirma que o caso do *Homem dos ratos* não constitui essencialmente uma etapa na elaboração da teoria psicanalítica, um corte transversal no tempo a partir do qual se pudesse ver onde a teoria de Freud estava em 1908 mas, ao invés disso, o caminho seguido por Freud é uma espécie de encruzilhada a partir da qual se abriam e se abrem ainda todos os tipos de perspectivas, sobre as descobertas passadas bem como sobre as futuras.

Pode-se compreender o trabalho de Freud como a exposição da história de um caso como pavimentador das primeiras bases de uma teoria da neurose obsessiva, dando continuidade a trabalhos anteriores já publicados sobre esse tipo de neurose, como o artigo sobre as *Neuropsicoses de defesa*, de 1894.

Na neurose obsessiva, Freud propôs-se de início a algo de outra ordem: seu método consiste em tratar o discurso obsessivo como um dialeto a traduzir. Quando diz que

¹ Texto apresentado no dia 04 de junho de 2024 na atividade de transmissão teórica da Secretaria Clínica do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro. A presente versão contém alguns acréscimos textuais e as referências bibliográficas.

² *Original Record of the Case*, em português *Anotações originais sobre um caso de neurose*

obsessiva, material encontrado em Londres entre os artigos de Freud após a sua morte. Na recente edição da Autêntica o ano de publicação da primeira edição do diário clínico é referenciado como 1955, embora Mannoni e a nota do editor inglês da Edição Standard mencionem o ano de 1954.

a neurose obsessiva é um dialeto da língua mais geral que a fala na histeria, Freud usa essa imagem para designar uma espécie num gênero, ao afirmar na introdução do caso clínico do *Homem dos ratos* que a linguagem da neurose obsessiva e os meios através dos quais ela expressa seus pensamentos secretos seria um dialeto da língua histérica, mas um dialeto mais aparentado com a expressão de nossos pensamentos conscientes do que o dialeto histérico (Freud, 1909/2021, p. 337). Mannoni observa que não é por acaso que Freud emprega tal metáfora. Desde a primeira leitura do caso do *Homem dos ratos*, percebe-se que uma grande parte do trabalho consiste em reunir textos em dialeto, por exemplo: “para cada florim, um rato”; “acontecerá uma infelicidade a meu pai”, com a finalidade de se encontrar a interpretação.

Deste modo, o *Homem dos ratos* continua a direção do trabalho iniciada com *A interpretação dos sonhos*. No caso Dora, os textos a traduzir eram precisamente os sonhos. No caso do *Homem dos ratos*, os sonhos passam a segundo plano, e o dialeto obsessivo assume o primeiro plano do trabalho.

Mannoni afirma que não há um corte preciso entre o dialeto difícil de traduzir e a linguagem clara da fala do obsessivo. Há exemplos nos quais o *Homem dos ratos* escorrega em dialeto uma palavra que passa despercebida. Um exemplo é quando, no início do tratamento, o paciente afirma ter um amigo que procura para pedir socorro quando está muito ansioso. Pede-lhe que repita, que o convença, se possível, de que não é *criminoso*. O absurdo dessa última palavra é sintomático, e a obscuridade só poderá desaparecer mais tarde, no *só-depois* freudiano, quando somos

informados do oráculo paterno que enunciava que ele seria um grande homem ou um criminoso.

Há, ao longo do relato do caso clínico, um aspecto marcado em relação ao mito familiar e aos ditos oraculares que formam a história do sujeito que Mannoni reconhece como algo surpreendente, e que ele denominou como um recalque não determinável (MANNONI, 1973, p. 152), pois o sujeito jamais esqueceu a história do pai e a contou a Freud, porém sem relacioná-la ao episódio do pincenê.³ Trata-se do mito da dívida que o pai não pagou: a impossibilidade de pagar a dívida e a ideia de que o pai havia tentado sem sucesso encontrar o devedor é a história ou mito que vai se comportar como o recalcado, influenciando e perturbando, de maneira incompreensível para o sujeito, a simples operação de expedir um pacote por reembolso. É preciso que a dívida seja paga, mas também que seja impossível pagar a dívida: “o folclore da família volta no comportamento atônito do Homem dos ratos exatamente como o recalcado retorna num pesadelo” (MANNONI, *op. cit.*, p. 152).

Neste ponto, vale nos determos um momento sobre a diferenciação do conceito de recalque nas neuroses e de como a neurose obsessiva apresenta um deslocamento do recalque vetorizado pelo significante, que Freud chamou de representante da representação. É no dialeto que se manifestam as defesas secundárias, e são as próprias defesas secundárias que são constitutivas da neurose obsessiva. No texto metapsicológico sobre as pulsões, após elencar os quatro destinos pulsionais, nos quais o recalque aparece ao lado da sublimação, do retorno à própria pessoa e na reversão em seu contrário, Freud observa de

³ Cito Mannoni (1973, p. 152): “Sabe-se que nosso paciente encomendava um pince-nez sobressalente por reembolso. A obrigação e a ‘impossibilidade’ de

pagar a pequena dívida jogaram-no em complicações e ansiedades tais que estão na origem do recurso a Freud”.

maneira perspicaz que os destinos pulsionais podem também ser descritos como espécies de defesa contra as pulsões.

O caso do *Homem dos ratos* faz com que Freud possa desenvolver uma possível diferenciação entre os conceitos de recalque e defesa, trabalho que ele dará seguimento nos anos seguintes. Pode-se tomar como exemplo o trecho de *Inibições, sintomas e angústia* em que ele retorna ao tema de uma diferença entre recalque e defesa (FREUD, 1926/1996, p. 160 e ss.).

Pierre Kaufmann, no verbete *defesa* do dicionário de sua edição (1996, p. 111), comenta a passagem em que Freud lembra que foi nos *Estudos sobre a histeria* que adquiriu os primeiros conhecimentos do recalque e da formação de sintomas. Nesse caso, o conteúdo perceptivo de experiências geradoras de excitação, o conteúdo representativo de formações ideativas patogênicas, é esquecido e excluído do processo de reprodução na lembrança. É por isso que a manutenção fora da consciência foi então reconhecida como a principal característica do recalque histórico. Posteriormente, o estudo da neurose obsessiva revelou que nesse tipo de neurose os acontecimentos não são esquecidos; eles permanecem conscientes, mas ficam isolados – daí o interesse em tomar o conceito de defesa num sentido amplo, para englobar, além do processo de recalque histórico, outros processos que manifestam a mesma tendência de proteger o eu contra as exigências pulsionais.

Em 1909, Freud ainda não havia desenvolvido a noção de superego, mas lendo o caso clínico do *Homem dos ratos* é possível perceber o aparecimento da dívida não paga, dos oráculos da infância e dos mitos familiares. Mannoni afirma: “Depois de Lacan sentimo-nos obrigados a desmantelar o castelo cego do Superego para encontrar muitas coisas que perdíamos de vista, como

entre outras a dívida não paga, e cujos detalhes o *Homem dos ratos* dá com precisão pela primeira vez, talvez justamente porque seja da primeira vez” (MANNONI, *op. cit.*, pp. 138-139).

O interesse de Freud de conservar as anotações do diário clínico parece também apontar para o posterior desenvolvimento de uma série de conceitos metapsicológicos e para a consolidação da teoria psicanalítica, se levamos em consideração o que será escrito nos textos sobre o narcisismo, as pulsões, o inconsciente, o delineamento da segunda tópica, bem como os textos sobre a técnica psicanalítica, os quais encontram um fundamento relevante no caso do *Homem dos ratos*.

O que parece decisivo, contudo, no caso do *Homem dos ratos* já havia sido colocado por Freud desde a *Carta 79 a Fliess*, quando escreve que o inconsciente irrompe sob forma verbal: “Com respeito à neurose obsessiva, encontrei uma confirmação de que o local em que irrompe o recalque é a *representação de palavra*, e não o conceito ligado a ela, mais exatamente, na memória da palavra. Daí serem as coisas mais díspares prontamente reunidas numa ideia obsessiva, sob a égide de uma só palavra de sentidos múltiplos” (MASSON, 1986, p. 288). Freud escreve essa carta em 22 de dezembro de 1897, que pôde ser lida por Lacan em todo o seu alcance.

A questão da irrupção do inconsciente sob forma verbal se coloca também, para Mannoni, pelo fato de que Freud “se deixou deploravelmente influenciar pelas concepções junguianas” (MANNONI, *op. cit.*, p. 144 e ss.). Enquanto Freud privilegiava as ligações vocabulares e a dimensão acústica da linguagem, embora jamais deixasse de lado as dimensões histórica e cultural, Jung por sua vez não elevava a materialidade da palavra ao primeiro plano, privilegiando imagens que se associavam a imagens e orientando seu pensamento para o que na

época se chamava de simbolismo. Aqui me parece residir uma questão fundamental que é preciso considerar no cotidiano do fazer clínico, na medida em que o psicanalista trabalha a partir da escuta do significante e não da significação que traz o signo.

De um ponto de vista junguiano, Freud vai tentar explicar a grande obsessão dos ratos tratando a palavra “rato” como o que Jung chamou de “uma palavra indutora”. Uma palavra indutora funciona como centro de uma rede associativa, que Jung chamava de “complexo”, e a palavra “rato” vai ter o poder de mobilizar toda a rede associativa segundo as leis de vizinhança e analogia, enquanto a palavra como ponte verbal faz a ligação entre vocábulos que têm elementos linguísticos comuns. Na perspectiva freudiana, a palavra rato é uma *passwort*, uma ponte verbal, e não uma palavra indutora.

O termo *passwort* aparece no final do diário clínico, quando Freud faz anotações sobre a sessão em que aparece o significante Dick, na qual o paciente passa a ter uma súbita ideia de emagrecimento quase suicida. Freud escreve assim: “Um esclarecim. acidental de que sua corrida para não engordar tem a ver com o nome do primo americ. Dick (Richard). *Paßwort*. Ódio a ele. Só que isso foi minha descoberta e ele não faz a apreciação”⁴ (FREUD, 1907-1908/2021, pp. 528-529) – isto quer dizer que o *Homem dos ratos* não quis saber nada sobre isso. O termo Dick em alemão quer dizer “gordo”, o que faz Freud associar ao ódio ao primo e também a um direcionamento da pulsão agressiva contra o próprio eu.

Mannoni percebe que no *Homem dos ratos* vemos Freud tratar a palavra “rato” sucessivamente e indiferentemente ora

como um significante cuja forma literal vai ter todos os efeitos na ordem das formas literais, ora como representando um símbolo, remetendo a ligações associativas que se enlaçam num plano diferente do verbal. Aqui acontece algo curioso: as ligações ditas simbólicas serão consideradas por Jung as mais profundas e mais capazes de representar o pensamento inconsciente, mas são também aquelas com as quais a consciência se acomoda mais facilmente. As palavras que são “apenas palavras”, embora apenas superficiais, serão repudiadas pela consciência. Isso que podemos perceber na ocorrência de um lapso ou de um ato falho, quando uma palavra escapole para além da intencionalidade consciente, é o material com o qual Freud trabalha e estabelece no início de sua doutrina com aquilo que Lacan chamou de três textos canônicos em matéria de inconsciente: *A interpretação dos sonhos* (1900), *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901) e *Os chistes e a sua relação com o inconsciente* (1905).

Durante a análise da obsessão dos ratos, podemos distinguir as passagens freudianas nas quais a palavra *Ratte* é tratada como um significante: trazendo por exemplo a palavra *Rate* com um t só, que designa prestação, ou vocábulos que contenham a sílaba *rate* como *heiraten* (que designa casamento). No simbolismo junguiano, o rato, de maneira bem diferente, representa o pênis, as crianças, a sífilis, etc., sem que o vocábulo tenha algum papel a desempenhar. Entre as vítimas dessa confusão situam-se em lugar de destaque os autores da tradução francesa, entre os quais Marie Bonaparte e o analista de Lacan, Rudolph Loewenstein, “que confundiram o sentido simbólico com os efeitos do significante sob sua forma literal” (MANNONI, *op. cit.*, p. 145), dizendo, em estilo junguiano, que o rato representa o

⁴ Citação direta do diário clínico de Freud da edição da Autêntica, onde as palavras “esclarecimento” e

“americano” aparecem abreviadas. As palavras não aparecem abreviadas na edição da Imago (cf. Freud, 1907-1908/1996, p. 273).

casamento, talvez por já representar o pênis e as crianças, sem citar as palavras alemãs faladas, isto é, sem mostrar como Ratte se encontra em *verheiraten* (casar) e de que formas as palavras derivadas a partir do vocábulo e faladas no cotidiano ocorrem no relato do caso.

O termo *Spielratte*, por exemplo, aparece no momento do relato do caso clínico em que Freud explora a identificação inconsciente do *Homem dos ratos* com seu pai, quando se pergunta por que as duas falas do capitão tcheco sobre o relato dos ratos e a solicitação para reembolsar o dinheiro tiveram um efeito tão agitador e provocaram reações tão violentas. O episódio em que o pai perdera no carteadado uma soma de dinheiro de que dispunha vem acompanhada de parênteses com o termo “rato de jogo”, *Spielratte*, um termo cotidiano para designar os sujeitos viciados em jogo. O paciente não tinha certeza se o dinheiro tomado emprestado pelo pai havia sido devolvido e a lembrança dessa dívida do pai lhe era penosa, pois remetia a uma série de críticas hostis inconscientes ao caráter do pai.

Freud comenta a relação entre o castigo com os ratos e o significado de dinheiro, o que só se torna possível com a conexão indicada através da ocorrência repentina de “prestações” (*Raten*) (lembramos que a associação livre opera por meio de ocorrências, daquilo que “cai” no discurso do sujeito). A associação entre rato (*Ratte*) e prestação (*Rate*) funciona em alemão, pois as duas palavras têm uma pronúncia muito próxima.

A materialidade sonora da palavra atua como significante e estabelece um vínculo associativo, de modo que aqui seguimos Freud com a escuta da primazia do significante para orientá-lo na direção do

tratamento. É possível aproximarmos Freud de Saussure neste ponto, pois Saussure utilizou o termo “imagem acústica” para se referir ao significante, que formaria o signo linguístico na combinação com o significado, que Saussure chamou de “conceito”. No signo linguístico saussuriano, porém, o significado tem primazia sobre o significante.

Ainda no estudo sobre as afasias, publicado em 1891, Freud utiliza também o termo “imagem acústica” para se referir à palavra falada, capaz de ligar as representações-palavra às representações-objeto (FREUD, 1891/2014).

Existe aí um campo explorado por Lacan, e é interessante notarmos que quando Lacan elabora o grafo do desejo, ele situa o eixo do significante como o que vai de $s(A)$ ao A , (significado do Outro ao Outro) onde ele escreve “voz”. É também o lugar do A (Outro), vetorizado pela voz e pela pulsão invocante, lugar do tesouro dos significantes (LACAN, 1960/1998, p. 820); algo que por vezes escutamos no cotidiano com a expressão popular “como diz o outro”: mas no grafo lacaniano é o Outro que diz⁵ (e reverbera) em cada um de nós...

Para Mannoni, um dos pontos de interesse na leitura do caso do *Homem dos ratos* se dá pelo fato de que Freud durante algumas páginas adotou um ponto de vista que lhe é estranho, sem por isso abandonar o seu próprio. Entretanto, ainda que Mannoni sustente que Freud adote a teoria de Jung em alguns momentos da escrita do caso clínico, essa perspectiva não me pareceu tão clara, sobretudo ao acompanhar o caso clínico com os registros do diário clínico. Mesmo ao lançar mão do que Mannoni chamou de simbolismos junguianos, Freud não faz esses movimentos sem se ancorar

⁵ Lacan observa aqui uma dissimetria entre o lugar do A e o que ele chama de momento (mais escansão do que duração) do $s(A)$, que ele chama de pontuação, onde a significação se constitui como produto

acabado: “Ambos participam da oferta ao significante que o furo no real constitui, um como um oco de recepção, outro como brocagem para a saída” (Lacan, 1960/1998, pp. 820-821).

nos significantes que escutava e na materialidade da palavra.

Um exemplo que podemos encontrar no diário clínico vem após um longo trabalho com fantasias e lembranças trazidas pelo paciente. Freud comunica a ele que se o rato é o verme, então o pênis também é. Ao que o paciente acrescenta “pequeno pênis – rabo de rato – rabo” (FREUD, 1907-1908/2021, p. 521). Na língua falada pelo analista e pelo analisante, *Schwanz* pode designar tanto “rabo” quanto “pênis” na linguagem cotidiana. Freud segue aqui o caminho da escuta do significante e insiste na palavra que encontra seu uso e significação polissêmica na linguagem cotidiana. Foi somente a partir desse tipo de escuta que Freud pôde avançar para elaborar seu importante artigo sobre as teorias sexuais infantis, a partir do efeito pulsional do enlaçamento do corpo ao significante. Neste ponto do diário clínico, aliás, Freud alude à teoria sexual infantil que seu paciente expressava (idem).

O sintagma “psicologia das profundezas” não é de Freud, embora dele seja a hipótese de que uma associação de ideias pode ser afastada pela consciência; e é precisamente aquela associação em relação à qual alguém pode por vezes dizer que é muito superficial e que por isso não poderá admiti-la. Superficial ou não, admitida ou não pela consciência, Mannoni afirma que é a ligação literal que fornece a explicação verdadeira, naquilo que chama de “modo material”, que refere o *Homem dos ratos* à *Psicopatologia da vida cotidiana* e à *Carta 79* a Fliess – o discurso inconsciente irrompe sob forma verbal, e não sob a forma de imagens. O “modo material”, relacionado à dimensão da palavra, apresentado por Mannoni, também

nos lembra a expressão *motérialisme*, utilizada posteriormente por Lacan, em uma condensação de mot, palavra, e *materialisme*, materialismo.⁶

Expressão, linguagem, palavra, discurso: Mannoni, neste texto, aproxima a escuta analítica do discurso do sujeito e das palavras que ele comporta e articula, compartilhando o *leitmotiv* lacaniano do retorno a Freud. No fim, trata-se de uma aposta e uma constatação de que o saber não está do lado do analista, mas do analisante: é para lá, em direção ao sujeito do inconsciente, que caminha uma análise. E o caminho se faz ao caminhar (como diz o Outro...): ao caminhar sobre o pavimento do manejo transferencial, que vamos construindo em nossa análise pessoal, estudo teórico e supervisão.

Gostaria de concluir este texto com a temática da transferência e o significante. No diário clínico de Freud, há uma interessante passagem que não entrou no relato do caso. Após narrar episódios em que seu paciente faz gestos desesperados, dá voltas na sala, sai correndo, apoia a cabeça nas mãos, cobre o rosto com o braço, lembra que o pai era colérico, e depois solicita que Freud traga sua filha até a sala para lambê-la, Freud complementa: “... Além de brincadeiras com meu nome: *Freudenhausmädchen*” (FREUD, 1907-1908/2021, p. 490) – o termo significa, em alemão, “moças do bordel”. A palavra “Freude” significa “alegria”, e é possível com esse termo dito pelo *Homem dos ratos* brincar com o sentido do nome de Freud, remetendo a algo próximo de “moças da casa de Freud/moças da casa da alegria”, onde podemos também perceber aquele significante que Lacan chamará de significante qualquer (LACAN,

⁶ Lacan utiliza esse termo pela primeira vez na *Conferência em Genebra sobre o sintoma*, em 1975: “É absolutamente certo que é pelo modo como a língua foi falada e também ouvida por tal ou qual em sua particularidade, que alguma coisa em seguida reaparecerá nos sonhos, em todo tipo de tropeços, em

toda espécie de modos de dizer. É, se me permitem empregar pela primeira vez esse termo, nesse *motérialisme* onde reside a tomada do inconsciente – quero dizer que é o que faz com que cada um não tenha encontrado outros modos de sustentar a não ser o que há pouco chamei o sintoma”.

1967/2003, p. 253 e ss.), ao qual se articula o significante da transferência. Um significante qualquer, que supõe apenas uma particularidade do analista e, em virtude disso, supõe mais outras coisas, segundo Lacan, que conclui: “se ele é denominável por um nome próprio, não é por se distinguir pelo saber...”.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. *Afásias: Sobre a concepção das afásias; As afásias de 1891* [1891]. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

FREUD, S. Anotações originais sobre um caso de neurose obsessiva (caso Homem dos Ratos) [1909]. In: *Histórias clínicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FREUD, S. Addendum: Registro Original do Caso. In: *ESB*, vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade [1926]. In: *ESB*, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Observações sobre um caso de neurose obsessiva (caso Homem dos Ratos) [1909]. In: *Histórias clínicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

LACAN, J. Conférence à Genève sur le symptôme. *Le Bloc-Notes de la psychanalyse*, n. 5, 1985, p. 5-23.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola [1967]. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano [1960]. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MANNONI, O. O Homem dos Ratos. In: *Chaves para o imaginário*. Petrópolis: Vozes, 1973.

MASSON, J. M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

PEDRO DALLA BERNARDINA BROCCO é analista em formação do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro. Doutor (2019) e mestre (2014) em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal Fluminense. Especialização em Teoria e Clínica Psicanalítica pelo Centro de Ensino, Pesquisa e Clínica em Psicanálise (CEPCOP-USU). Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental. Publicou trabalhos na *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* e *Psicanálise & Barroco em Revista*.

Contato: pdbbrocco@gmail.com

O impasse do desejo do sujeito obsessivo: notas sobre o capítulo XXII do Seminário 5

Por Ligia Julianelli

Na atividade de ensino proposta pela Secretaria Clínica, coube-nos a tarefa de apresentar os pontos 2 e 3 do capítulo XXII do *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* – intitulado *O desejo do Outro*. Nessa lição, proferida em 14 de maio de 1958, Lacan discorre sobre a relação do sujeito neurótico, em especial do obsessivo, com seu desejo: o obsessivo é aquele que almeja a destruição do grande Outro e cria, assim, um impasse ao próprio desejo.

O ponto 2, apesar de curto, traz muitas referências ao processo de constituição subjetiva, que parte da remodelação sofrida pela necessidade ao passar obrigatoriamente pela demanda – isto é, pelo significante – e culmina na instauração do campo do desejo. Optamos, então, na tentativa de facilitar a apreensão, por apresentar esse ponto de forma menos condensada, ou seja, fizemos a opção de expor a questão sem nos atermos estritamente ao que é trazido no capítulo. Já no ponto 3, optamos por acompanhar o *Seminário* e nos apoiarmos no que ali está desenvolvido, destacando o que nos pareceu mais relevante para o tema do semestre: a neurose obsessiva.

Ponto 2 – da necessidade ao desejo

Lacan se vale do grafo do desejo para abordar o processo de constituição do que ele nomeia de *sujeito satisfatório*, que logo em seguida define como o *sujeito menos completo, barrado*, dividido pela *Spaltung* significante. A necessidade, ao passar pelos *desfiladeiros da demanda*, sofre uma remodelação, uma transformação, que dá

origem a um mais além da demanda, o campo do desejo. Trata-se de uma operação simbólica articulada graças a um significante privilegiado – o falo – que surge como efeito da experiência edípica. Tentaremos expor a seguir, de forma bastante resumida, essa passagem do campo da necessidade ao do desejo.

Quando o bebê humano chega ao mundo, como todo ser vivo, apresenta necessidades vitais que precisam ser satisfeitas e, em razão da prematuridade característica da nossa espécie, por longos anos, é preciso que outro ser humano atenda tais necessidades. Há, entretanto, uma particularidade essencial nos cuidados dispensados a esse bebê: são cuidados inevitavelmente intermediados pela linguagem. Chamamos de mãe o ser falante que, sendo ou não a genitora, cumpre a função de atender às necessidades da criança, sempre com intermédio de sua fala: “Não é apenas o pequeno roça-roça, os cuidados com água-de-colônia, que constituem uma relação com a mãe; é preciso que a mãe fale com a criança, todo mundo sabe disso” (LACAN, 1957-58/1999).

Só podemos articular a experiência humana por meio do significante, que modifica, fragmenta, a vida biológica. E assim, não é possível que experimentemos a necessidade como tal, ou seja, que experimentemos diretamente nossa condição biológica, já que ela necessariamente vai ter que passar pela linguagem e sofrer os desvios, as modificações impostas pelo significante. É preciso que a necessidade se exprima sob a

forma do que Lacan nomeia como demanda, quer dizer, articulada em significantes e endereçada ao Outro.

Há uma ligação entre a demanda e algo que se dá na introdução do bebê humano na linguagem, que é a existência de uma invocação, de um chamado, que solicita não apenas o objeto de satisfação da necessidade, mas a presença do Outro que pode trazer esse objeto. Dito de outro modo, a demanda se institui no momento em que o grito do bebê se torna um chamado à mãe, para que ela lhe dê, para além de um objeto de satisfação, sua própria presença. Trata-se da entrada no mundo simbólico, quando se dá uma subjetivação em um nível primário, na medida em que o objeto materno é simbolizado e se estabelece como um Outro que aparece como presença contra um fundo de ausência. A demanda institui o Outro a quem se endereça como aquele que pode dar ou não sua presença, e cria, assim, o horizonte da demanda de amor, ou seja, faz com que no fundo de toda demanda de satisfação haja uma demanda incondicional de amor.

Então vejamos: o bebê humano nasce com necessidades e é preciso que um Outro cuide dessa criança sempre com a intermediação da linguagem, que modifica profundamente o teor dessas necessidades. Dá-se, dessa forma, uma subjetivação em um nível primário e o bebê se torna capaz de invocar o Outro e demandar não só o objeto de satisfação, mas sua presença. Nesse ponto primitivo, de entrada no mundo simbólico, o Outro é colocado em uma posição de onipotência, ele é todo-poderoso para responder à demanda, enquanto o bebê se encontra totalmente submetido ao capricho daquele de quem depende. Trata-se de uma etapa primária, em que a distinção entre o sujeito e o Outro ainda não pode ser feita. É preciso que se introduza uma *nova dimensão* que permita ao sujeito se deslocar de sua posição de dependência

absoluta e se reconhecer como distinto do Outro: a dimensão de que o Outro deseja.

O desejo está situado em uma relação com a cadeia significante e, por isso, ele se instaura e se propõe inicialmente como demanda; em outras palavras, a dialética da demanda precede a inserção do sujeito no desejo. Sendo um ser falante, as satisfações do humano devem inevitavelmente passar pela intermediação da fala, e o desejo está obrigado a essa intermediação. É importante lembrarmos neste ponto que o Outro é o lugar da fala e, com isso, torna-se obrigatoriamente o intermediário da abordagem do desejo pelo sujeito. Esse Outro a quem se dirige a demanda passa a ser também o lugar onde deve ser descoberta a *formulação possível* do desejo, pois, apesar de articulado em um nível inconsciente, ele é articulável na consciência apenas *até certo ponto*, e só podemos nos aproximar dele mediado por alguma demanda.

Há um significante essencial que funciona como operador simbólico nesse caminho em direção ao desejo: o falo. Mas, diz Lacan, “esse falo significante não cai do céu” (LACAN, 1957-58/1999, p. 299). Sua origem no psiquismo é imaginária e é preciso que algo aconteça para que adquira sua função de símbolo. Freud já havia desvelado a atuação do falo imaginário, o pênis, como pivô do complexo de castração. Entretanto, apesar da relevância dessa atribuição, para Lacan, o papel essencial desempenhado pelo falo no inconsciente é de significante – um significante privilegiado, por ser o próprio *significante do desejo* e, portanto, da falta. O falo simbólico permite que se constitua o que Lacan designa como *significação fálica*, ou seja, permite que o sujeito acesse o significado como tal e se sustente na ordem simbólica.

É como efeito da metáfora paterna, cuja inscrição se dá na travessia da experiência do Édipo, que o objeto fálico passa à

categoria de símbolo. E assim, a intervenção do Nome-do-Pai faz com que o falo opere como significante e introduza a dimensão de que o Outro deseja, isto é, de que algo lhe falta. Reconhecer o desejo no Outro permite ao sujeito distinguir-se dele, constituir-se como \$, e aceder ao seu próprio desejo *sob a forma estrutural de desejo do Outro*.

Uma vez constituído como \$, sujeito barrado, abre-se a possibilidade da relação \$◊D, a relação do sujeito com a demanda – inscrita no segundo andar do grafo do desejo –, que será diferente na histeria e na neurose obsessiva. É também nesse segundo andar do grafo que Lacan apresentará o Outro como barrado, \bar{A} , pois também sofreu as consequências da marcação pelo significante, com os efeitos de perda que inevitavelmente daí decorrem. Algo falta ao campo do Outro, e só pode ser um significante. Lacan propõe, então, a fórmula $S(\bar{A})$ para referir-se a esse ponto de inexistência de um significante, acionado a cada vez que o sujeito parte em direção ao Outro em busca de respostas sobre o que ele é e o que ele quer.

$S(\bar{A})$ é a mensagem que o sujeito recebe do Outro para além do discurso simples, ou seja, em um nível inconsciente. O sujeito, ao reconhecer a falta no Outro, dirige a ele uma interrogação sobre seu desejo, mas, em resposta, recebe do Outro sua própria mensagem de forma invertida sob a forma do *Che Vuoi? O que queres?*. Falta ao Outro justamente o significante que concerne ao sujeito, que responderia por seu desejo, e é isso que, nesse ponto do ensino lacaniano, é designado como $S(\bar{A})$, a *mensagem do desejo*, sempre enigmática:

Aqui no alto à esquerda, o que deve se constituir? Precisamente o que chamei não mais de significado de A, $s(A)$, mas de significante de A, $S(\bar{A})$, na medida em que ele conhece essa Spaltung, em que ele mesmo é estruturado por ela, já sofreu seus efeitos. Isso quer dizer que ele já foi marcado pelo efeito de significante que é

significado pelo significante falo. Ele é o A, portanto, na medida em que o falo é barrado nele, elevado ao estado de significante. Esse Outro como castrado é representado aqui no lugar da mensagem. Os termos se invertem em relação à mensagem do patamar inferior. A mensagem do desejo é essa.

Mas isso não significa que essa mensagem seja fácil de receber, precisamente em razão da dificuldade de articulação do desejo que faz com que haja um inconsciente (LACAN, 1957-58/1999, p. 406).

Trata-se, portanto, de uma mensagem nada fácil de receber, pois faz com que o desejo do Outro, no qual o desejo do sujeito precisa necessariamente se apoiar, permaneça enigmático e inapreensível. E assim, em torno desse embaraço na formulação do desejo, desenvolvem-se as estruturas neuróticas, seja a histeria ou a neurose obsessiva.

Ponto 3 – a profunda contradição entre o obsessivo e seu desejo

No início do ponto 3, Lacan retoma a exposição da relação da histérica com seu desejo, que havia desenvolvido longamente nos dois capítulos anteriores. Não nos deteremos nessa questão, por desviar do objetivo central do presente texto, mas, resumidamente, ele nos ensina que, na histeria, a ênfase deve ser colocada *na posição, no lugar* do desejo do Outro. O movimento constitutivo da histérica centra-se no nível dessa alteridade fundamental, o que faz com que ela busque seu desejo no desejo do Outro, ou melhor, no desejo que atribui ao Outro, já que este resta sempre inapreensível para o sujeito. Em seu movimento desejante, com sua posição e sua ação, a histérica sustenta o desejo do Outro, valendo-se, para tanto, da identificação ao outro imaginário.

Logo em seguida, Lacan se pergunta sobre o que acontece numa estrutura obsessiva. Ele nos diz que a neurose obsessiva é um pouco mais complicada que a histeria, mas

podemos articulá-la se nos detivermos ao essencial. O obsessivo também é orientado para o desejo, para esse além da demanda, pois justamente o que está por trás do desenvolvimento das estruturas neuróticas são as dificuldades da formulação do desejo, nas quais o sujeito tropeça. Há, entretanto, uma diferença clara em relação à histeria.

Lacan, então, retoma as articulações de Freud acerca da neurose obsessiva, em busca de *sua última palavra* sobre o tema. A primeira formulação freudiana trata da oposição do trauma primário na histérica e no obsessivo: enquanto na histeria ele é vivido como uma sedução súbita, uma irrupção do sexual na vida do sujeito, na neurose obsessiva, ao contrário, o sujeito teve um papel ativo, do qual extraiu prazer. Em seu segundo desenvolvimento do tema, Freud escreve o Homem dos Ratos, texto a que Lacan dá grande destaque, como podemos depreender de suas palavras: “Convém, aliás, reler o Homem dos Ratos como a Bíblia” (LACAN, 1957-58/1999, p. 411).

Nesse caso clínico, é apresentada a extrema complexidade das relações afetivas do obsessivo, e a ênfase recai sobre a ambivalência afetiva, em especial sobre o antagonismo amor-ódio. Por fim, o que Lacan designa como *a última fórmula metapsicológica* de Freud sobre a neurose obsessiva, desenvolvida após a segunda tópica: houve no obsessivo uma desfunção precoce das pulsões de vida e de morte.¹ Essa desvinculação das tendências destrutivas se dá em um estágio tão precoce que marca a constituição subjetiva, ou seja, marca o modo como o sujeito se instala em sua subjetividade particular.

Podemos constatar a ação das pulsões de destruição na observação da experiência comum de um obsessivo, mesmo daqueles que não analisamos, mas cujo

comportamento revela as incidências da neurose: o obsessivo é aquele que tende a destruir seu objeto. Lacan, porém, propõe que não nos contentemos com essa observação da experiência no nível cotidiano, mas examinemos analiticamente a *atividade destrutiva* do obsessivo.

Curiosamente, para fundamentar esse exame analítico, Lacan se vale da experiência com a criança que irá se tornar um obsessivo, pois, segundo ele, é nela que fica mais sensível o que busca articular. São pequenos sujeitos de quem os pais, e mesmo pessoas que não fazem parte do casal parental, dizem: eles têm *ideias fixas*. Seus pedidos não são mais extraordinários do que os de qualquer outra criança, se nos detivermos em seu material; é a maneira particular como se manifestam suas demandas que se torna intolerável para o Outro. Isso porque essa não é uma demanda como as outras, pois apresenta um caráter de *condição absoluta*, que é próprio do desejo. Dito de outro modo, já é possível observar nesses pequenos sujeitos o movimento que tende a reduzir o desejo à demanda.

Lacan ensina que é na hiância aberta pela fala na demanda que se produz o desejo, ou seja, é porque o sujeito está em uma relação com o Outro da fala que se cria esse campo além da demanda concreta. Trata-se de algo situado para além de qualquer resposta, pois sempre pede alguma coisa que é mais do que a satisfação a que apela. O que a observação das crianças pequenas torna evidente é que o obsessivo *nega o elemento de alteridade que está incluído na demanda* e dá a ela o caráter de *condição absoluta*, “desmedida, sem nenhuma proporção com a necessidade de qualquer objeto” (LACAN, 1957-58, p. 395). E assim, sua tentativa de reduzir o desejo a uma coisa para a qual se demande satisfação esbarra

¹ Embora o texto do *Seminário* utilize a palavra *instinto*, optamos por substituir por *pulsão*.

em uma contradição interna, pois o desejo como tal sempre ultrapassa qualquer espécie de resposta que esteja no nível da satisfação.

Dizer que o obsessivo nega a alteridade incluída na demanda significa que ele nega o Outro, a alteridade fundamental, possuída por um desejo que é sempre estranho ao sujeito. O obsessivo recusa o enigma do desejo do Outro, na medida em que repele sua falta e busca restaurá-lo, tomá-lo pelo Outro onipotente da demanda, de quem depende inteiramente. Esse movimento de negar o Outro se relaciona à dita *atividade destrutiva* do obsessivo: em razão da desvinculação precoce das tendências agressivas da pulsão de morte, a própria constituição de seu desejo comporta a *destruição do grande Outro*, o que é observável, segundo Lacan, desde a infância.

Eis o segredo da profunda contradição que há entre o obsessivo e seu desejo, pois é da estrutura do desejo humano ser desejo do Outro. Nas palavras de Lacan: “Ora, é da natureza do desejo como tal necessitar do apoio do Outro. O desejo do Outro não é uma via de acesso para o desejo do sujeito, é o lugar puro e simples do desejo [...]” (LACAN, 1957-58/1999, p. 415). Ao almejar a destruição do Outro, o sujeito destrói sua própria possibilidade de desejar, pois essa alteridade serve de apoio ao seu movimento desejante.

Um sujeito obsessivo, tal como vemos na clínica ou nos relatos de casos, é alguém que apresenta toda sorte de empecilhos, inibições, bloqueios, medos, dúvidas e proibições. Lacan, então, se pergunta sobre o que acontece quando o obsessivo se encoraja a transpor a barreira da demanda e ir atrás do objeto de seu desejo. De saída, adverte que o sujeito não o encontra com facilidade, pois no caminho lhe acontecem *os acidentes mais extraordinários*. E, quando o encontra, quanto mais se aproxima do objeto, mais vive uma baixa da tensão libidinal, ou seja, o desejo se

amortece a ponto de se extinguir. Parte dessa dificuldade no caminho em direção ao desejo pode ser explicada pela intervenção do supereu. Lacan, porém, ensina que, *mais radicalmente* que isso, em seu movimento fundamental de se dirigir em direção ao desejo, o obsessivo é levado a almejar a destruição do Outro, o que faz com que seu próprio desejo desapareça.

É claro que nesse caminho lhe acontecem os acidentes mais extraordinários, que tentaremos explicar em diversos níveis pela intervenção do supereu e de mil outras funções que, evidentemente, existem. Porém, muito mais radicalmente do que tudo isso, o obsessivo, na medida em que seu movimento fundamental dirige-se para o desejo como tal, acima de tudo em sua constituição de desejo, é levado a almejar o que chamamos de destruição do Outro.

(...) Na psicologia de um obsessivo, quanto mais uma coisa desempenha o papel de objeto do desejo, ainda que momentâneo, mais a lei de aproximação do sujeito em relação a esse objeto manifesta-se literalmente numa baixa da tensão libidinal. A tal ponto que, no momento em que ele detém esse objeto de seu desejo, para ele nada mais existe (LACAN, 1957-58/1999, p. 415).

Sem o ponto de apoio que daria suporte a seu movimento desejante, o obsessivo vai à procura da única coisa capaz de dar *uma aparência de apoio* a seu desejo: um objeto que é sempre redutível ao falo. E assim, o falo como elemento imaginário desempenha na neurose obsessiva um papel preponderante, o que faz com que o apoio seja apenas aparente, já que o falo imaginário tampona justamente a falta que movimenta o desejo.

Lacan nomeia de *virilidade absoluta* essa intumescência fálica própria do obsessivo, que o impede de centrar seu desejo e traz consequências para seu comportamento diante do objeto e do pequeno outro. É preciso que o sujeito se oponha a essa virilidade absoluta, ou seja, permita que o falo passe à categoria efetivamente simbólica, como o significante do desejo e,

portanto, da falta. Só assim será possível ao sujeito aceder ao próprio desejo, inevitavelmente apoiado no enigmático desejo do Outro.

LACAN, J. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* [1957-58]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

REFERÊNCIAS

LIGIA JULIANELLI é analista em formação do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro. Graduada em Direito e mestre em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Contato: ligiajulianelli@gmail.com

Algumas considerações sobre a neurose obsessiva e o luto na prática analítica

Por Ana Karla C. Ferreira

Este trabalho foi apresentado em uma atividade da Secretaria Clínica do Corpo Freudiano – seção Rio, no ano de 2023, em que foi estudado o livro *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: a prática analítica, vol.3* de Coutinho Jorge. Serão abordados os capítulos “*Da angústia ao desejo*” e “*Luto e culpa*”. Do primeiro capítulo apresento questões desenvolvidas pelo autor relacionadas à neurose obsessiva. Do segundo capítulo, verso sobre algumas articulações feitas pelo autor entre luto e culpa, o manejo desses conceitos no tratamento analítico. Ao longo dos capítulos trago fragmentos de um mesmo caso clínico de uma analisante atendida por mim para ilustrar as questões debatidas.

Freud conceitua a neurose obsessiva como uma estrutura da neurose, anteriormente era vista como um sintoma. Kauffman em *Dicionário enciclopédico de psicanálise*, afirma que Freud fez uma “*inovação nosográfica*” em 1894, inaugurada em seu trabalho sobre “*a etiologia das grandes neuroses*”, ele aproximou, primeiramente, a neurose obsessiva da histeria, para mais tarde, distingui-las e destaca:

Na verdade, ambas são denominadas “*psiconeuroses de defesa*” e resultam de uma ação “*traumática*” de experiências sexuais vividas na infância e de constituírem um esforço de defesa contra qualquer representação e qualquer afeto que provenham dessas experiências e tentem perpetuar o que elas tinham de incompatível com o eu [...] (KAUFFMAN, 1996, p. 359).

No primeiro capítulo mencionado acima, o autor destaca que, para Freud, na neurose

obsessiva, o eu foi formado precocemente e assim poderia responder pela escolha inconsciente dessa neurose. Sabe-se que há uma maior incidência da neurose obsessiva nos sujeitos masculinos e da histeria nos sujeitos femininos. No entanto, deve-se observar sua posição subjetiva de gozo, como nos alerta Lacan, em suas fórmulas quânticas da sexualidade. Pode-se verificar que o obsessivo, tendo se identificado com o falo imaginário e constituído seu eu com uma consistência extremamente forte, apresentará mecanismos de defesa muito estruturados, a saber: o deslocamento, o isolamento, a supressão do afeto e a anulação retroativa.

Trago um recorte clínico acerca dos rituais e ideias obsessivas de uma paciente atendida por mim, para ilustrar. Relatou-me que durante a pandemia, ao final da tarde, antes de sua mãe chegar do trabalho, fazia o seguinte ritual: ouvia a música *Shake it off* de Taylor Swift e enviava um áudio de seus passarinhos cantando para a mãe, a fim de que a mesma chegasse bem em casa. Se deixasse de fazê-lo, era invadida por “*pensamentos catastróficos*” de que algo ruim poderia acontecer. Sabia que não era racional, não sabia explicar o porquê, era sem sentido e travava uma guerra consigo que a deixava angustiada. Para ela, essa dependência do ritual era ruim e mexeu cuidadosamente nele. Primeiro, passou a ouvir só uma parte da música e gradativamente foi deixando de cumpri-lo. Na interpretação feita pela analista a partir das associações da analisanda, ao ouvir uma música animada e canto dos pássaros – isso poderia trazer um certo conforto frente ao

real da pandemia. Ela inconscientemente convocava a vida para lidar contra a ameaça da morte.

Voltando ao texto, Jorge destaca que, para Freud, o ritual do obsessivo tem a função de impedir a emergência da angústia, e a supercomplexificação desses rituais se acentua sempre nessa direção e com esse objetivo.

Na histeria, os sintomas histéricos convertem a energia libidinal em sintomas corporais, restringindo o aparecimento da angústia. Prevalece o mecanismo de recalque, a representação recalçada retorna através da conversão, produzindo o sintoma que, ao expressar o desejo, terá revelada na análise a fantasia a ele subjacente. Tal fantasia é efeito do recalque originário, a partir do qual ela constitui uma tela protetora em relação ao real ao estabelecer a realidade psíquica. Freud, no artigo *Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade* (1908/1976, p. 164) afirma que “[...] uma fantasia inconsciente tem uma conexão importante com a vida sexual do sujeito, pois é idêntica à fantasia que serviu para lhe dar satisfação sexual durante um período de masturbação.”

Ele salienta que a técnica da psicanálise permite em primeiro lugar inferir dos sintomas o que são essas fantasias inconscientes, e então torná-las conscientes para o paciente. Esse método de investigação psicanalítica, que, dos sintomas visíveis conduz às fantasias inconscientes ocultas revela-nos tudo o que é possível conhecer sobre a sexualidade dos neuróticos.

Freud destaca algumas fórmulas para tentar oferecer uma visão progressiva da natureza dos sintomas histéricos: (i) sua natureza reside na realização de uma fantasia inconsciente; (ii) concede ao fator sexual a sua devida significação.

Por fim, ele sublinha no mesmo texto acima mencionado a natureza bissexual dos sintomas histéricos, confirmando através de sua clínica, que está claro a pressuposta exigência de uma disposição bissexual inata no homem. Ele ilustra o caso de sua paciente que pressionava o vestido contra o corpo com uma das mãos (como mulher, enquanto tentava arrancá-lo com a outra (como homem). E nos adverte que é importante o analista estar preparado para encontrar sintomas com significado bissexual, no tratamento analítico.

Jorge salienta que a dialética entre sintoma e angústia, colocada por Freud, é central nas neuroses, que se caracterizam pela prevalência maior ou menor, em cada uma delas, de um desses dois elementos. Histeria de conversão – há o surgimento de sintomas e angústia, em diferentes proporções a cada caso. Na histeria de angústia – fobia – a angústia é prevalente e a sintomatização pequena ou nula.

Freud em *Inibições, sintomas e angústia* afirma que

a neurose obsessiva tem origem, sem dúvida, na mesma situação que a histeria, a saber, a necessidade de desviar as exigências libidinais do complexo edipiano. [...] toda neurose obsessiva parece ter um substrato de sintomas histéricos que se formaram em uma fase bem antiga [...] (FREUD, 1926/1976, p. 136).

Ainda em Freud, nos casos obsessivos, podemos reconhecer claramente que a força motora da defesa é o complexo de castração, e o que está sendo desviado são as tendências do complexo edipiano. No início do período de latência há a dissolução do Édipo, em que se dá a consolidação do supereu e construção de barreiras éticas e estéticas do eu. Nessa neurose verifica-se também um supereu mais severo e um eu obediente a ele, produzindo fortes formações reativas sob a forma de consciência, piedade e asseio.

Na neurose obsessiva, há duas atividades do eu que geram sintomas e são substitutos do recalque ou variações dele: a anulação retroativa e o isolamento.

Para Freud, na neurose obsessiva, o próprio processo de pensar se torna super investido e erotizado, o eu é mais cenário de formação de sintomas do que na histeria. Nessa neurose, verifica-se a técnica de desfazer o que foi feito, onde uma ação é cancelada por uma segunda, como se nenhuma ação tivesse ocorrido, mas na verdade, ambas ocorreram. A finalidade de desfazer é o segundo motivo implícito dos cerimoniais obsessivos e o primeiro é tomar precauções a fim de impedir a ocorrência ou recorrência de um evento particular. Verifica-se que tomar precauções são medidas racionais, enquanto tentar livrar-se de algo “fazendo de conta que não ocorreu” é irracional, e da ordem do pensamento mágico. Adotando esse comportamento, o neurótico tentará tornar o próprio passado não existente, reprimindo-o por meios motores. A obsessão de repetir tem a mesma finalidade, sua execução serve a grande número de intenções contraditórias simultaneamente. Com o avanço da neurose, o esforço em desfazer uma experiência traumática constitui um motivo ímpar na formação de sintomas, revelando então, uma nova técnica motora de defesa ou de recalque.

A segunda técnica, peculiar à neurose obsessiva, é o isolamento, e se verifica na esfera motora. Ocorre quando um fato desagradável aconteceu na vida do paciente ou quando ele fez algo relevante para sua neurose e assim ele próprio se impõe um intervalo durante o qual nada mais deve acontecer, tem relação com o recalque. Isolando o afeto suas conexões associativas são suprimidas ou interrompidas, permanecendo como isoladas. Então, o efeito desse isolamento é o mesmo efeito do recalque com a amnésia. O eu do neurótico obsessivo trava uma batalha para isolar sua

função de orientar a corrente de pensamento, seu eu é mais vigilante e faz isolamentos mais acentuados, talvez, pela tensão devido ao conflito existente entre o supereu e o isso, o que dificulta levar a efeito a regra fundamental da psicanálise – falar livremente o que vier à mente.

Ao impedir associações e ligações de pensamento, o eu obedece a uma das ordens primordiais da neurose obsessiva - o tabu de tocar. O toque e contato físico são a finalidade imediata dos investimentos objetivos agressivos e amorosos, visto que a neurose obsessiva começa por perseguir o toque erótico à guisa de agressividade, deduz-se que nada é tão fortemente censurado nessa neurose como o tocar e o ponto central de um sistema de proibições. Isolar é remover a possibilidade de contato, dessa forma se evita que algo seja tocado de qualquer maneira, como nos diz Freud.

Nas histerias de conversão, fobias e neuroses obsessivas, o que têm em comum, como resultado, é a tentativa de destruição do complexo de Édipo, em que a força motora da objeção do eu é o medo da castração, medo esse identificado apenas quando irrompe nas fobias.

Sobre a inibição, esta representa uma limitação de uma função do eu que pode incidir nas esferas do sexual, do comer, da locomoção ou do trabalho. Inibições podem surgir como evitamento de algo que produziria a angústia, assim, certas inibições representam o abandono de alguma função para evitar a angústia que ela desencadearia no sujeito, afirma Jorge.

Segundo Freud, em *Inibições, sintomas e angústia* (1926), toda inibição que o eu impõe a si mesmo pode ser denominada de sintoma, em que os atos obsessivos (lavar as mãos com frequência ou sempre sair acompanhado à rua) demonstram prevenções contra à irrupção da angústia.

No *Dicionário da psicanálise*, Roudinesco sublinha que no período de 1907 a 1926, Freud transformou sua concepção da neurose obsessiva. Verificou a premência do erotismo anal na organização sexual do obsessivo, com a história do Homem dos Ratos e observou que essa dominância (erotismo anal), encontrava-se presente, segundo Freud, nas “práticas religiosas”. Constatou, então, a analogia entre a religião (cujos rituais apresentam um sentido) e o cerimonial da obsessão (em que esses mesmos rituais possuem apenas um sentido neurótico). Assim, Freud, descreveu a neurose como uma religião individual e a religião como uma obsessão universal.

Com a publicação, em 1913 de *Totem e tabu*, Freud compara

As neuroses, por um lado, apresentam pontos de concordância notáveis e de longo alcance com as grandes instituições sociais, a arte, a religião e a filosofia. Mas, por outro lado, parecem como se fossem distorções delas. Poder-se-ia sustentar que um caso de histeria é a caricatura de uma obra de arte, que uma neurose obsessiva é a caricatura de uma religião e que um delírio paranoico é a caricatura de um sistema filosófico (FREUD, 1913/1974, p. 95).

Vimos até aqui como se inaugura a neurose obsessiva nos neuróticos e os rituais – expressão de seus sintomas - adotados como uma forma de defesa contra a angústia. No capítulo a seguir trago questões fundamentais para a direção do tratamento na clínica analítica que foram levantadas por Jorge. Estas se referem à função da culpa, quando presente no luto e a diferenciação entre luto e melancolia.

Freud, ao abordar a resistência, salienta que a mesma, é do analisando – resistência à associação. Freud assume a posição de insistência, ao passo que Lacan, nomeou de desejo do psicanalista, desejo este, de que haja análise. Para Lacan, a resistência é sempre do analista, se ele se voltar para a

resistência do analisando, ele passa a resistir, obstaculizando o processo analítico.

Jorge destaca que, para Freud, a intervenção do psicanalista precisa sempre levar em conta as forças em jogo naquele momento para o sujeito, no conflito incessante que se produz entre as forças pulsionais (do isso) e as forças defensivas (do eu). O analista precisa se curvar às contingências do avanço de seu analisando, que tem um percurso simbólico a realizar num tempo, que lhe é particular e requer que o analista saiba esperar. Para o autor, quando se ouve um analisando falar insistentemente sobre a perda de um ente querido, remetemo-nos à nossa própria capacidade de fazer luto pois temos de retomar de algum modo as lembranças daqueles que amamos e que hoje estão distantes ou já não se encontram mais entre nós. E temos também de nos defrontar com nossa própria finitude e fazer o luto de nossa própria vida.

Freud tratou da morte e sua relação com o inconsciente ao longo de sua obra, em *Reflexões para um tempo de guerra e morte* (1915/1974, p. 327), onde salienta que “é impossível imaginar nossa própria morte, e, sempre que tentamos fazê-lo, podemos perceber que ainda estamos presentes como espectadores.”

No inconsciente não há inscrição da morte, diferença sexual ou lógica temporal, assim, os sujeitos se veem como imortais, a morte é irrepresentável.

Para Lacan, a morte está do lado da relação limítrofe entre o simbólico e o real, ela remete ao recalque originário, a algo que não damos jamais sentido – embora tentemos fazê-lo o tempo todo.

Trago mais um fragmento do caso clínico da mesma jovem analisanda atendida por mim. Ela chegou à análise por não conseguir superar a morte de duas pessoas muito queridas – o avô e o padrinho. O avô morrera

quando ela era criança, vítima de um infarto, e o padrinho, devido a uma crise convulsiva, também veio a infartar, quando ela já era adolescente. Tinha o hábito de brincar com o avô, em que um penteava os cabelos do outro e, poucos dias antes dele falecer, não quis fazer a tal brincadeira, desencadeando, desta forma, grande sentimento de culpa, que a levava a se questionar o porquê de não ter feito. Quanto ao padrinho, ela se culpava de não ter sido mais incisiva com seus familiares para obrigá-lo a se tratar do alcoolismo, de sua saúde. Relatava não conseguir esquecer, pensava nisso todos os dias, trazendo-lhe muita angústia. Jorge em *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, a prática analítica, vol.3* (2017, p. 222) destaca que “o sujeito vive um dilacerante conflito: por um lado, ele deseja ardentemente livrar-se daquele sofrimento, afirma que não aguenta mais, que não vai suportar tanta dor, mas por outro, teme esquecer a pessoa amada por um único segundo sequer [...]”. O sujeito sabe que guardar a pessoa amada na memória é uma forma de prestigiá-la, mantê-la viva.

Freud compara o luto à melancolia, enfatizando que as mesmas influências, tais como a perda de um ente querido ou de algo que ocupe um lugar tão importante para um sujeito podem ocasionar um estado de luto ou melancolia. Na melancolia tem-se a diminuição da autoestima, ausente no luto; desânimo profundamente penoso, cessação de interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade. No luto o mundo externo se torna pobre e vazio. Na melancolia, é o próprio eu que se revela esvaziado. Nela, uma “exacerbação da autocrítica” se empenha em atacar violentamente todas as regiões do eu e Freud concluiu que, no luto, o sujeito sofre uma perda relativa a um objeto, enquanto na melancolia, “aponta para uma perda relativa a seu eu”.

Em *Luto e melancolia*, Freud faz uma diferenciação entre eles ao falar em luto normal e luto patológico e sublinha:

[...] Onde existe uma disposição para a neurose obsessiva, o conflito devido à ambivalência empresta um cunho patológico ao luto, forçando-o a expressar-se sob forma de autorrecriminação, no sentido de que a própria pessoa enlutada é culpada pela perda do objeto amado, isto é, que ela a desejou (FREUD, 1915/1974, p. 283).

Jorge questiona, a partir de casos clínicos, a relação entre luto e culpa, em que a culpa seria o fator que dificulta o trabalho de luto, podendo, inclusive, levar à melancolia, caso esteja associada a outros fatores, como afirma Freud.

Ao lançar a questão sobre a função da culpa no trabalho do luto, ele supõe se não seria a de dar sentido ao próprio sujeito, à sua vida. Nesse caso, a culpa teria a função de apaziguamento para o sujeito, traria um pouco de homeostase para o aparelho psíquico que foi invadido pelo real traumático da morte e o protegeria da angústia.

Para o autor, no trabalho da análise há também a elaboração da perda de objeto, mas esta se passa num prazo maior do que o exigido pelo luto e sem o sofrimento profundo ocasionado pela perda real do objeto amado. Para ele, a morte a que a psicanálise se ocupa é a morte subjetivada, se refere à castração vivida por cada sujeito e aponta para a castração do próprio analista. Quando há subjetivação da morte, não há culpabilização e sua falta de sentido implica a assimilação do sentido da vida.

Quando análise e luto se superpõem, a soma de real pode se tornar excessiva para o trabalho de simbolização? Interroga o autor em que responde salientando que cabe a cada analista, em sua subjetividade, considerar até onde pode levar uma análise, sem a alongar demasiadamente. O

problema que se coloca para o analista é até onde insistir na experiência nesses casos? Sabe-se que o desejo do analista se traduz pela insistência de que haja análise, no entanto, Lacan adverte nas *Conferências norte-americanas*, que não há necessidade de se prolongar uma análise, mas levá-la até onde o sujeito pensa que está satisfeito.

Voltando ao caso clínico que ainda está em curso, uma das demandas da analisante era a de estar “parada no tempo, todos seguiram suas vidas e eu não”, em relação aos lutos. Sua culpabilidade expressada desde o início, não seria uma forma inconsciente de atravessá-los? Sabe-se que um luto remete a outros inconscientemente, inclusive ao de si próprio. Como não há um tempo definido de luto, já que é variável para cada sujeito, penso que o trabalho do analista seria o de ajudar na elaboração do sofrimento da perda do objeto amado, acolhendo a angústia que poderá irromper, apontando para a falha da falta, como sublinha Lacan em seu seminário sobre a angústia.

Para finalizar, na prática clínica, cabe ao analista acompanhar o analisante num trabalho de luto, com uma escuta sensível, bordejar o dito, respeitar o não-dito e apostar no poder do laço transferencial para que um trabalho analítico seja possível, num momento específico, para aquele sujeito, com efeitos num só depois. Não é tarefa fácil, afinal não se tem garantias nem se tem receita de bolo em que infinitas variáveis estão em jogo para se ter o resultado desejado (variações climáticas, escolha de

ingredientes, utensílios utilizados, modo de execução etc.). Há de se ter em mente o rigor da ética da psicanálise, ou seja, desejo de que haja análise, na condução da direção do tratamento para cada analisante. A cada sessão, uma nova aposta é lançada para uma jornada menos penosa para o sujeito na medida em que ele fala sobre o seu sintoma, daquilo que padece. Vale lembrar a assertiva de Lacan: instante de ver, tempo para compreender e momento de concluir.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. Luto e melancolia [1917]. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade [1908]. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. Inibições, sintomas e angústia [1926]. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JORGE, M. A. C. Da angústia ao desejo. In: *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, v. 3: *a prática analítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

JORGE, M. A. C. Luto e culpa. In: *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, v. 3: *a prática analítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1996.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ANA KARLA C. FERREIRA é analista em formação do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro e psicóloga.

Contato: anakarla2008@yahoo.com.br

Entre linhas da angústia

Por Luisa Mauricio Veiga

Esse texto surgiu de elaborações suscitadas pelas atividades de estudo da Secretaria Clínica do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro, nas quais duas companheiras e eu ficamos responsáveis por apresentar ao grupo as lições 1 e 2 de *O Seminário, livro 10: a angústia* (LACAN, 1962/1963). Após uma leitura prévia individual do texto, o grupo se reuniu semanalmente para realizar leituras em conjunto. A discussão da temática extremamente complicada dessas primeiras lições foi realizada entre chocolates e pães de queijo. De alguma maneira, entre comilanças e significantes, devorando doce e texto, o encontro com uma teoria sobre a angústia se tornou um pouco mais adocicada. Conversas e figurinhas¹ surgiram no laço que se estabeleceu para poder compor a mesa de exposição desse texto.

O texto foi dividido por seções entre as três. Eu fiquei com a parte 3 da primeira lição e a introdução e a parte 1 da segunda lição.

Foi bastante significativo ficar com a parte em que Lacan particularmente se debruça sobre o método como vai ensinar a angústia. O encontro com a teoria lacaniana é um assunto que vem me movendo desde o início da minha formação no Corpo Freudiano. Meu primeiro trabalho escrito e apresentado foi na Jornada de cartéis da escola e tratava da dificuldade de passar de uma psicanálise praticamente toda baseada nos textos freudianos, como ocorre comumente nas universidades, e me deparar com a teoria lacaniana extremamente presente na instituição de

formação. Autorizar-se a falar sobre Lacan é um passo complicado na formação analítica, pois, muitas vezes, parece mesmo que se trata de uma língua estrangeira, própria dos teóricos psicanalíticos. E eis que nesse na parte 3 do referido seminário de Lacan explica que não é por acaso que seu ensino é complexo.

Lembro-me do primeiro encontro com minhas colegas, e também algumas vezes na minha supervisão e análise pessoal, de afirmar repetidamente que eu não consigo ler Lacan sem ter alguém com quem conversar de modo a me auxiliar a fazer o conteúdo do texto ter algum sentido. A teoria lacaniana, por sua dificuldade, parece convidar os pares da psicanálise a se encontrarem para falar da sua angústia diante do texto. Ainda assim, mesmo após as elaborações conjuntas com minhas colegas, quando me lancei na tentativa de escrita do texto, eu não estava avisada de tudo isso. Tudo que escrevi até aqui tem o caráter de um *spoiler* da elaboração decorrente dos efeitos do encontro com esse trecho do ensino de Lacan.

Enfim, quando eu fui tentar escrever tive um ataque de raiva. Eu não fazia a menor ideia de como colocar em palavras o que teoricamente eu tinha entendido do texto, eu não sabia se eu tinha entendido o texto. Resumo: tive uma crise de raiva. Como diz Lacan (1962/1963), os pininhos não encaixaram nos buraquinhos, o que suscitou a cólera. Eu não sabia como jogar o jogo do Outro e o afeto emergiu.

¹ Imagens comumente utilizadas em aplicativos de conversa (*WhatsApp*), criadas pelos próprios

usuários. Geralmente tem um caráter humorístico.

E, então, no que a criança faz a birra, chama a atenção da mãe. Ao tentar explicar o meu ódio, a minha incapacidade para a tarefa, todo tipo de significantes surgiram. Joguei o livro no chão, amassei, xinguei Lacan, a psicanálise, a clínica e por aí foi. Eu estava completamente afetada. Os significantes iam surgindo em uma tentativa desvairada de tentar contornar aquilo que era incontornável, mas, ao mesmo tempo em que saíam, que se enlaçavam formando uma rede, alguma coisa ia sendo capturada. Não a angústia que eu senti, certamente, mas alguma coisa ia sendo enlaçada, digerida, formulada, conformada. Com os restos que sobraram dessa destruição, depois de terem sido endereçados a um outro, relativamente apaziguados por esse relatar a uma outra pessoa, foi se dando um contorno, uma figura, que agora aparece na forma de traços na tela do computador: a escrita.

Há quem escreva com amor. Eu escrevi com ódio.

Não é a primeira e não será a última vez que eu terei uma crise de cólera quando tento jogar o jogo do Outro Lacan. No diálogo com outras pessoas que estudam psicanálise, percebo que, eu não sou a única a ser afetada pelo texto extremamente angustiante da teoria lacaniana. Não é uma leitura feita para os pininhos se encaixarem perfeitamente nos buraquinhos. Até porque sabemos que o pino é feito depois do buraco então ele nunca vai conseguir tamponá-lo inteiramente mesmo.

Tive notícias de que, para minhas colegas, a travessia pelo mar do texto lacaniano também não foi feita com ondas suaves. Trocamos muitas mensagens, risos, frustrações, figurinhas, chocolate, biscoito e pão-de-queijo, entre outros significantes, para chegarmos até essa apresentação. O que só indica que, para comportar o encontro com a angústia, é preciso lançar mão de muita rede. Jogar no mar e não

pegar nada. Jogar no mar e pegar um marisco. Jogar no mar e finalmente pegar um peixe, só para poder perdê-lo quando ele escorrega entre os dedos por ser escorregadio demais. E eu espero, em um desejo completamente egoísta e genuíno, do tipo bate-se numa criança, que os demais irmãos psicanalistas, filhos de Freud, também tenham ataques de raiva ao ler esse seminário.

Não desejo isso apenas para sanar minha necessidade de não me ver sozinha navegando nesse mar à deriva. Claro que não é por isso. Mas quando Lacan nos conta de sua dificuldade em se posicionar no lugar de professor, a fim de falar sobre aquilo que não é capturável na rede significante, é porque o saber inconsciente se passa no surto, no riso, no desespero e no desamparo, enfim, na angústia. Essa erupção suscita uma quantidade de significantes que depois é endereçada a um outro, seja na análise pessoal, na supervisão, nos cartéis ou entre colegas. A elaboração faz com que aquilo que foi vivenciado em uma explosão de significantes possa, minimamente, se sustentar, de maneira mais ou menos estável, a ponto de garantir que um Lacan da vida possa estar frente a um seminário se lançando na tarefa de ensinar sobre esse afeto avassalador. E também que uma Luísa, uma Márcia e uma Cássia (nomes das três responsáveis pela exposição do texto) possam estar frente a uma sala tentando traduzir aquilo que Lacan tentou traduzir e que está presente em todas as línguas, mas não pertence a nenhuma.

Recordo-me, nesse momento, da introdução da obra *Dom Quixote*. Miguel de Cervantes, o escritor, criou um eu lírico para ser o autor do livro, mas a relação desse autor com a construção da história o afasta da posição de autoria. Esse personagem do autor é uma pessoa que se deparou, em diversos cantos da Espanha, com fragmentos de uma novela de cavalaria sobre um cavaleiro chamado Dom Quixote.

Ele recolhe todos os fragmentos da história que consegue encontrar e os organiza. No entanto, alguns trechos estão escritos em árabe e, por isso, ele precisa de um tradutor. Nessa época, considerando as divergências políticas entre árabes e espanhóis, os árabes, aos olhos de um espanhol, eram considerados um povo mentiroso. Conclusão: o autor criado por Cervantes conta uma história que não lhe pertence, com partes que podem estar faltando, remendada, traduzida por um tradutor no qual não pode confiar. A história é sobre um personagem que também não sabe muito bem o que é verdade e o que não é.

Lacan (1962/1963, p. 27) mesmo nos alerta: “[...] é preferível advertir qualquer um de que ele não deve fiar-se demais naquilo que pode compreender”. E, logo em seguida, explica o porquê de sua maneira de ensinar ser meio “furada”:

É exatamente aí que adquirem importância os elementos significantes que introduzo. Por mais desprovidos de conteúdo compreensível que eu me esforce por fazê-los [...] eles são o meio pelo qual tento manter o nível necessário para que a compreensão não seja enganosa, ao mesmo tempo deixando localizáveis os termos diversamente significativos com que avançamos. (LACAN, 1962/1963, p. 27).

Alguma semelhança pode ser encontrada entre o autor desautorizado de Cervantes com a posição ocupada por Lacan para ensinar sobre angústia. Lacan não inventou a angústia. Ela já estava aí. Ele apenas apanhou umas aparições dela: impedimento, embaraço, inibição, emoção, efusão. Juntou esses fragmentos (talvez ele tenha perdido algum pedaço no meio da França, afinal, sempre se perde alguma coisa) e remendou essa história numa rede. Enquanto realizava seu seminário, ele tentou traduzir essa rede e fazer com que algo dela seja coerente o suficiente a ponto de ser transmissível. Mas a missão é complexa.

Ele aponta que sua abordagem da angústia tem que ser diferente da psicologia, que segue uma lógica da psiquê. Nessa perspectiva, uma teoria dos afetos, por exemplo, é muito bem escrita e trançada. Já está toda pronta para capturar a angústia. O tradutor é um especialista em trançar redes.

Na psicanálise não dá para confiar no tradutor porque ele está implicado na tradução. Não é que ele seja um mentiroso. Ele não sabe o que ele sabe e nem sabe o que não sabe. O hipotético árabe que traduziu trechos de Dom Quixote pode ter deixado vaziar um pouco do seu ódio pelos espanhóis nos significantes. Talvez Dom Quixote fosse de fato um cavaleiro bonito, como geralmente eram nas novelas de cavalaria, ou talvez Sancho Pança fosse um pouco mais esperto. Nunca sabemos o que está deslizando entre um significante e outro. Pode ser um sujeito ou um afeto... ou os dois. Sobre a estreita relação do afeto com o sujeito, Lacan (1962/1963, p. 23) diz: “Ele não é o ser [...] nem tampouco o sujeito sob forma bruta. Não é protopático em nenhum caso. [...] E é justamente por essa razão que ele tem uma estreita relação estrutural com o que é um sujeito [...]”.

E, no momento em que a apresentação desse texto ocorria, as três psicanalistas em formação se esforçavam em tentar traduzir o tradutor (além disso, na mesa, na ocasião da exposição do texto, ainda havia um mediador que teve que traduzir a nossa tradução). Também não é fácil. Para começar, Lacan falava francês e na mesa se falava português brasileiro. Ele morava na França, já as três expositoras, no Brasil. Ele era homem e as três eram mulheres. No período em que essa teoria foi desenvolvida, ele estava realizando um seminário. Até mesmo a tradução do seminário para o português, estranhamente, esqueceu de que havia angústia na rede trançada por

Lacan². Sempre se perde alguma coisa na tradução. Porém, assim como Cervantes, mesmo com seu eu lírico completamente desautorizado a contar a história de Dom Quixote, ele conseguiu contar alguma coisa. Algo seguiu em frente e foi repetido diversas vezes, com perdas e ganhos ao longo da história e de traduções. E hoje posso utilizar esse remendo de história para exemplificar uma teoria da psicanálise. Alguma coisa capturou os ouvintes e passou adiante.

Assim é com esse ensino sobre a angústia e a transmissão da psicanálise. Com todos os erros, remendos, defeitos, implicações, ódio, amor, risos, surtos, paixões, alguma coisa captura todos os que se dedicam a estudá-la, aglomerando-se em uma comunidade que, de alguma forma, sabe que é através desses defeitos de tradução que um saber passa.

E, se alguma coisa passou, se hoje estamos discutindo Lacan, é porque ele encontrou alguma chave. Não é possível passar algo pela via do catálogo, classificando a angústia em espécies divergentes, trancando-a em pequenas caixinhas que, no fim, só podem fazer vazar uma nas outras. Também não é

possível pela via da analogia que, supostamente, separa categorias e adequa a angústia a cada uma para, enfim, compará-las. Não dá pra escolher o significante por onde a angústia vai surgir.

Lacan (1962/1963, p. 30), então, escolhe a via da chave: “A chave é aquilo que abre e que, para abrir, funciona. A chave é a forma pela qual funciona ou não a função significante como tal [...] é conatural a todo e qualquer ensino”. Nem sempre, Lacan. Nem sempre a chave funciona. Às vezes, ela emperra, a fechadura quebra, a porta tem uma lasca solta, enfia-se a chave errada, perde-se a chave na bolsa, etc. O pininho nunca corresponde ao buraco. Mas, depois de surtar, xingar a chave, o chaveiro, a fechadura, a bolsa, finalmente conseguimos enfiar a chave na fechadura e escrever um texto para lidar com a angústia de se abrir para a teoria de Lacan.

REFERÊNCIAS

LACAN, J. *O seminário, livro 10: a angústia* [1962-63]. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LUISA MAURICIO VEIGA é analista em formação pelo Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro. Psicóloga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Contato: luisaveigapsi@gmail.com

² Na edição utilizada para a criação desse texto, na página 22, há uma figura que tem por finalidade traduzir o quadro negro que Lacan expôs enquanto realizava o Seminário 10. No entanto, o tradutor coloca a palavra

“impedimento” em duas das lacunas do quadro quando, na realidade, uma dessas lacunas seria preenchida pela palavra “angústia”. Portanto, o tradutor omitiu precisamente a angústia do quadro.

Amor, morte e arte

Por Liliane Barreto da Cunha

Para abordar esse binômio amor e morte, lançaremos mão de um precioso recurso: a arte. Desde os primórdios da psicanálise, Freud (1926/1976) propõe, em *A questão da análise leiga*, que aqueles que pretendem exercê-la devem ficar atentos aos estudos de diversas searas do conhecimento. As contribuições da produção literária, teatral e cinematográfica a que temos acesso se articulam aos conceitos psicanalíticos. Difícil imaginar mitos, peças e óperas sem histórias regadas a muito amor e morte. Impossível não perceber que onde chegamos com a psicanálise, a arte já lá esteve.

Um exemplo dessas tramas está na obra de Nelson Rodrigues. Ele foi um proeminente jornalista, dramaturgo e escritor que tinha como marca registrada desestabilizar o *status quo* da família tradicional brasileira retratando paixões, traições, suicídios e homicídios. Analisemos a peça *Beijo no asfalto* (1960/2004).

Arandir é a personagem principal e toda a trama decorre das consequências de um beijo na boca de um jovem atropelado, à beira da morte. A história se passa na Praça da Bandeira, Zona Norte do Rio de Janeiro. A imprensa sensacionalista e a polícia transformam o acontecimento em crime. A esposa, o sogro e a cunhada vão aos poucos se revelando em uma trama impecável. Em alguns momentos, o angustiante percurso de Arandir lembra *O processo*, de Kafka (1925/2005). Ele tenta, em vão, conter a escalada de acusações e escárnios, se sentindo absolutamente sem saída. Destacamos as excelentes adaptações para o cinema em 1981 e 2018.

A fragilidade e a súplica pelo amor na iminência da morte está presente na arte e

na vida real. Por exemplo, no atentado de 11 de setembro de 2001, o envio de mensagens com declarações de amor foi unânime. Com o prédio em chamas, angustiante saber-se na iminência da morte. Morrer é uma experiência única e individual, mesmo quando em grupo. Entramos e saímos dessa existência em absoluta solidão.

A segunda referência artística que trazemos é a do livro *As intermitências da morte* (2005), brilhante criação do escritor português contemporâneo, José Saramago. A história se passa em um país no qual, do dia para a noite, a morte para de passar. A princípio, todos pareciam satisfeitos por atingir o ideal da imortalidade. No entanto, algumas repercussões são catastróficas: a previdência e as companhias de seguros entram em crise. Os moribundos e os doentes graves não morrem. Os hospitais estão superlotados. Até a igreja se desestabiliza, uma vez que o argumento da vida após a morte perde o sentido. Ato contínuo, instala-se uma maphia (com ph para diferenciar da máfia comum), que leva as pessoas prestes a falecer para fronteira onde a morte atua normalmente. O livro segue essa ficção de maneira impecável, culminando em um final surpreendente.

A questão que se levanta é que, privados de nossa finitude, perderíamos todo senso de urgência e a valorização do tempo. Poderíamos adiar constantemente os encontros com nossos entes queridos, estudar agora ou daqui a dez anos. Enfim, de certa forma, a morte é o que dá sentido e movimento à vida.

“O que seria de nós se não fosse o amor? Ficaríamos à mercê de nossas paixões

destrutivas”? A indagação é de Jorge (2010) na obra *Fundamentos de Psicanálise: de Freud a Lacan. Vol 2: A clínica da fantasia*. O autor serve como inspiração dos estudos deste semestre. Nesse trabalho, abordamos o segundo capítulo da parte II (Fantasia e pulsão de morte) especificamente no segundo subtítulo: amor e morte. Foi inevitável e curioso notar que, em apenas 20 páginas, Jorge cita 11 filmes, além das histórias de Romeu e Julieta, Sherazade e conclui ainda com um poema de Florbela Espanca. Isto é, claramente recorre à arte para abordar tão árido assunto, delicado e fundamental.

Na teoria psicanalítica, um baluarte desse binômio é a pulsão de morte, postulada por Freud (1920/1976) no clássico *Além do princípio de prazer*. Nesse trabalho ele revoluciona o dualismo pulsional e abre caminho para construção de uma nova subversão freudiana. A primeira tinha sido em 1905 com os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Buscar o prazer e aliviar a dor: é essa proposição do princípio do prazer/desprazer que foi colocada em dúvida. Em seu lugar, o que se apresenta é um sujeito marcado pelo paradoxo de repetir o que causa dor, esse “para além”.

Freud recorre ao princípio de nirvana (conceito budista) para ilustrar que o aparelho psíquico trabalha para manter a excitação o mais próximo possível de zero. Isto é, com a face destrutiva da pulsão de morte em atividade constante. O que todo ser vivo quer é morrer, voltar a um estado anterior de coisas – diz ele. E então a ressalva de que cada sujeito quer morrer a seu próprio modo, conforme lemos em *Mal-estar na civilização* (1930/1976). Tanto tememos quanto desejamos a morte.

Na construção de sua teoria, Freud não abandona completamente nenhuma estrutura. Os ciclos do inconsciente, da fantasia e da técnica são separados apenas didaticamente. Diante das evidências

clínicas, ele desenvolve sua construção teórica em uma espécie de sobreposição de conceitos. Essa força motriz deve nos inspirar, como psicanalistas deste século, a ter a coragem de avançar e atualizá-la de acordo com as transformações da contemporaneidade.

Um exemplo desse avanço é o ensino de Lacan. Quando Lacan afirma, no *Seminário 11*, que a pulsão por excelência é a pulsão de morte parece que foi lido por Freud nesse trecho de *O eu e o isso*: “Fizemos cálculos como se existisse na mente - no eu ou no isso – uma energia deslocável, a qual, neutra em si própria, pode ser adicionada a um impulso erótico ou destrutivo qualitativamente diferenciado e aumentar a sua catexia total” (FREUD, 1923/1976, p. 59).

É esse retorno ao inanimado enquanto vetor da pulsão por excelência, que é a de morte, que instiga Lacan a forjar o conceito de fantasia. O amor é o que surge como suplência a esse gozo mortífero. É a construção de um anteparo que busca dirimir esse abismo do real. A fantasia é o recurso para o sujeito resistir ao empuxo à descarga direta, direcionando-a ora para a face erótica, ora para o aspecto destrutivo. O sujeito estaria, portanto, circulando entre duas mortes durante todo o percurso da vida.

Em Lacan, o termo “entre duas mortes” aparece no *Seminário 7*, ao abordar o mito de Antígona. Uma leitura possível seria que a primeira morte seria simbólica e a segunda morte, o fim da vida propriamente dito, seria a morte real.

No entanto, ao revisitar o assunto no *Seminário 8*, Lacan propõe uma subversão a esse entendimento. Inicialmente, temos a morte real para posteriormente experimentarmos a morte simbólica e sua articulação com a fugaz eternização e o desejo de morte. Em contraposição ao esquecimento completo a que estaremos

todos sujeitos em cerca de três ou quatro gerações, exceção feita aos que contribuem de forma grandiosa (heroica ou negativa) para o mundo.

A primeira fronteira, quer esteja ligada a um prazo fundamental a que se chama velhice, envelhecimento, degradação, quer a um acidente que rompe o fio da vida, a primeira fronteira é aquela onde, com efeito, a vida se acaba em seu desenlace. Pois bem, é evidente, e desde sempre, que a situação do homem se inscreve no seguinte: que essa fronteira não se confunde com a da segunda morte, que se pode definir sob a fórmula mais geral, dizendo que o homem aspira a aniquilar-se para se inscrever nos termos do ser. A contradição oculta, o detalhe a se compreender é que o homem aspira a destruir-se na própria medida em que se eterniza (LACAN, 1961/2010, p. 103).

Entre o esquecimento e a imortalidade, entre a vida e a morte, entre saber-se finito e desejar o infinito. Assim seguem as pulsões: vívidas, misteriosas, ruidosas e, ao mesmo tempo, de um silêncio que assusta aqueles que vivem. Amalgamadas, servem para nos sentirmos vivos, divididos e em movimento, em um eterno vir a ser.

Não poderia deixar de finalizar este trabalho sem deixar ao leitor mais um fragmento artístico, extraído do livro de Roland Barthes. Posto que o amor é, por assim dizer, espiar de esguio uma lasca de imortalidade.

Quando me acontece de me abismar, é que não há mais lugar para mim em parte alguma, nem na morte. A imagem do outro – à qual estava colado, da qual vivia – não existe mais; ora é uma catástrofe (fútil) que parece me afastar para sempre, ora é uma felicidade excessiva que me faz recuperá-la; de qualquer modo, separado ou dissolvido, não sou recolhido em lugar nenhum; diante de mim, nem eu, nem você, nem um morto, nada mais a quem falar [...] Apaixonado pela morte? É muito para uma metade; half in love with easeful death (Keats): a morte liberada do morrer. Tenho então essa fantasia: uma hemorragia doce que não escorreria de nenhum ponto do meu corpo, uma consumpção quase imediata, calculada

para que eu tenha tempo de des-sofrer antes de desaparecer. Instalo-me fugitivamente num falso pensamento de morte (falso como uma chave falsificada): penso na morte ao lado: penso nela segundo uma lógica impensada, derivo fora da dupla fatal que liga vida e morte ao mesmo tempo que as opõe” (BARTHES, 1981, p. 10).

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

FREUD, S. A questão da análise leiga [1926]. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. Além do princípio do prazer [1920]. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. O mal-estar na civilização [1930]. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. O eu e o id [1923]. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos de Psicanálise: de Freud a Lacan*, vol. 2: *A clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KAFKA, F. *O processo* [1925]. São Paulo: Cia das letras, 2005.

LACAN, J. *O seminário, livro 7: ética da psicanálise* [1959-60]. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

LACAN, J. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais* [1964]. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LACAN, J. *O seminário, livro 8: a transferência* [1960-61]. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

RODRIGUES, N. *O beijo no asfalto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

SARAMAGO, J. *As intermitências da morte*. São Paulo: Cia das letras, 2005.

|

LILIANE BARRETO DA CUNHA é analista em formação do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro. Graduação em psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. MBA em Administração de empresas (FGV).

Contato: lilianebcunha@gmail.com

Afinal, o que é essa tal adolescência?!

Por Thais Erthal Leite Ribeiro

Malgrado o conceito de “Adolescência” não ter sido elaborado por Freud nem por Lacan, eles trouxeram para o debate a noção de puberdade e suas consequências para o sujeito.

Na esteira desta construção, neste trabalho abordaremos o tema da adolescência buscando apresentar algumas ideias de autores contemporâneos da psicanálise. Como Melman (1997) que nos convoca a pensarmos acerca da adolescência como um tempo de crise, o que será apresentado a seguir junto a interlocução de autores brasileiros como Costa-Moura (2005, 2008), que se vale de questões como linguagem, ética e psicanálise para abordar a adolescência contemporânea, e Alberti (1996), que nos convoca a pensar o sujeito adolescente e seu despertar diante do real do corpo.

Na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2019), Freud nos apresenta, de forma extremamente subversiva, a distinção entre sexualidade humana e instinto animal, ou seja, o instinto serve para fins reprodutivos no contexto animal; já a sexualidade, que até então era vista como a união entre os genitais a partir da puberdade, agora é apresentada por ele a partir de duas noções de extrema importância: objeto sexual e meta sexual.

O percurso que Freud empreende é de grande importância, à medida que ele utiliza alguns conceitos usados pelo discurso médico de sua época e os desconstrói, criando as bases para a sua teoria. Anos mais tarde, em “Além do princípio do prazer”, Freud (1920/2019, p. 222) confirma sua ideia: “O conceito de ‘sexualidade’ – e, portanto, o

de um instinto sexual – teve certamente que ser ampliado, até abarcar muita coisa que não se incluía na função reprodutiva, e isso provocou certo escândalo no mundo austero, respeitável e hipócrita”.

Sobre os desvios do objeto sexual e da meta sexual, Freud nos apresenta, a partir de seu estudo sobre a inversão (homossexualidade), que não há soldagem entre o indivíduo e seu objeto sexual, assim como a forma de atingir prazer não se dá apenas pela via genital:

A valorização psíquica que se confere ao objeto sexual, como meta desejada do instinto sexual, apenas em casos raríssimos se limita aos genitais, mas se estende a todo o seu corpo e possui a tendência de abranger todas as sensações que vêm do objeto sexual [...]. É essa superestimação sexual que não se concilia facilmente com a restrição da meta sexual à união dos genitais e contribui para elevar à condição de metas sexuais atividades que envolvem outras partes do corpo (FREUD, 1905/2019, p. 42).

Nessa perspectiva, Freud nos aponta para a sua teoria da sexualidade, na qual a questão da escolha, ou, como ele mesmo nos apresenta, a “superestimação do objeto sexual” (1905/2019, p. 42) não é somente de ordem física, mas possui também um componente psíquico. A partir desse ponto de vista, Freud irá forjar um novo conceito, o qual, segundo ele, será considerado um dos fundamentais da psicanálise: a pulsão:

Por "instinto" [*Trieb*] não podemos entender, primeiramente, outra coisa senão o representante psíquico de uma fonte endossomática de estímulos que não para de fluir, à diferença do "estímulo", que é produzido por excitações isoladas oriundas de fora. Assim, "instinto" é um dos conceitos na demarcação entre o psíquico e o físico. (Freud, 1905/2019, p.66)

Apesar de o termo *Trieb* (pulsão) constar em alguns textos pré-psicanalíticos, será em 1905 que Freud desenvolverá de fato o conceito. Como o autor afirma em "As pulsões e seus destinos" (1915/2019, p. 52): "Não é raro ouvirmos a exigência de que uma ciência deve ser edificada sobre conceitos fundamentais claros e bem definidos. Na realidade, nenhuma ciência começa com tais definições, nem mesmo as mais exatas". E foi exatamente isto que Freud fez ao longo de sua obra: elaborou, retornou, reescreveu e avançou acerca da pulsão. Há uma forte demarcação em sua obra, na qual constrói duas teorias pulsionais: a primeira, a partir da dualidade entre pulsão de autoconservação e pulsão sexual (FREUD, 1905/2019); a segunda, a partir do dualismo entre pulsão de vida e pulsão de morte (FREUD, 1920/2019).

Portanto, a pulsão tem uma fonte corporal que exige um trabalho psíquico. Porém, é ressaltado que não se trata apenas de uma fonte, mas diferentes órgãos do corpo que são dotados da mesma capacidade excitatória sexual que o órgão genital. Nessa direção, foi elaborada a noção de *zonas erógenas* para demarcar no corpo as regiões que seriam as fontes originárias das pulsões e que teriam como meta a remoção desses estímulos. Havendo diferença na origem da pulsão e suas metas, Freud constrói a ideia de parcialidade das pulsões.

Para Freud (1905/2019), existe uma vida sexual infantil, "que é essencialmente

autoerótica (encontra seu objeto no próprio corpo) e que seus instintos parciais se empenham na obtenção de prazer, em geral, sem conexão entre si e de forma independente" (p. 107). É com base nessa afirmação que constrói sua teoria da organização sexual infantil, calcada no circuito pulsional de acordo com as zonas erógenas, no qual a sua organização é identificada e dividida por fases, que, apesar de não serem consideradas a partir do desenvolvimento cronológico, foram identificadas e distinguidas como: fase oral e fase sádico-anal, nas quais a mucosa da boca e a região do ânus são, ao mesmo tempo, fontes de excitação e apacimento de tensão; fase fálica, conceituada em seu texto "A organização genital infantil" (1923/2019), que consiste na unificação das pulsões parciais sob o primado de um órgão genital: o pênis, que, nesse momento, é o único órgão reconhecido para ambos os sexos; é nessa fase que ocorre a situação edípica; período de latência: um momento em que a pulsão sexual (libido) está desviada de seu curso e voltada para outros objetivos que não servem ao apacimento pulsional; há uma dessexualização da libido imposta pela castração, a qual gera inibição das tendências eróticas (corrente sensual) e a sublimação do restante do afeto em carinho (corrente terna); fase genital, cuja pulsão se torna novamente sexualizada; a pulsão tem origem nos órgãos genitais e busca para o seu apacimento um objeto que não mais o próprio corpo.

Segundo Laplanche e Pontalis,

[...] na experiência e na teoria psicanalíticas, "sexualidade" não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica

¹ Neste momento é utilizada a palavra instinto para traduzir a palavra *Trieb* devido a opção do tradutor da obra citada.

fundamental (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016, p. 476).

Pode-se, portanto, afirmar que, na teoria da sexualidade freudiana, há o período pré-genital, a fase genital, na qual há escolha de um objeto exterior ao sujeito, e um hiato que se forma entre os dois, chamado de período de latência. Neste, a sexualidade fica em suspenso, provocando uma queda de sua atividade, surgindo sentimentos de pudor e repugnância (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016).

Será no terceiro e último ensaio de 1905 que Freud tratará do retorno da vida sexual a partir da puberdade:

Com o advento da puberdade, introduzem-se as mudanças que levarão a vida sexual infantil à sua configuração definitiva normal. O instinto sexual, que era predominantemente autoerótico, encontra agora um objeto sexual. Ele operava a partir de diferentes instintos e zonas erógenas, que buscavam, cada qual de forma independente, determinado prazer como única meta sexual. Agora ele recebe uma nova meta sexual e todos os instintos parciais cooperam para alcançá-la, enquanto as zonas erógenas se subordinam ao primado da zona genital (FREUD, 1905/2019, p. 121).

Para o autor, a partir das transformações físicas da puberdade é que a vida sexual infantil passa a ter uma nova forma. Trata-se da unificação das pulsões, até então parciais, e a subordinação das zonas erógenas ao primado da zona genital. Nesse momento, já é possível a identificação de ambos os genitais, o que acarreta a busca de prazer a partir de determinada escolha de objeto.

Essa nova formulação da sexualidade infantil, a partir da puberdade, é-nos apresentada por Freud (1905/2019, p. 121) “como a perfuração de um túnel a partir dos dois lados”, tendo como meta a convergência de duas correntes da vida sexual: a terna, quando, na fase de latência, a pulsão sexual é atenuada, e a sensual, quando uma nova escolha de objeto se

impõe na puberdade, diferente do objeto sexual infantil. É importante ressaltar que, para Freud (1905/2019), a escolha de objeto para a satisfação pulsional ocorre em dois tempos: na infância e na puberdade. Entretanto, de que se trata essa escolha e quais efeitos acarretam à vida psíquica do sujeito?

Em uma releitura de *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, de Lacan (1959-60/1988), Costa-Moura, em seu texto “Função ética do erotismo e adolescência” (2008) trata essa escolha como uma questão ética do sujeito, uma vez que, com o advento da puberdade, a possibilidade de encontro com o objeto sexual é real, levando o sujeito a uma nova tomada de posição diante de seu desejo. Para a autora, esse desejo é sustentado pelo corte do significante efetuado na operação de constituição do sujeito, o que o coloca na posição de encontro com a radicalidade da falta de objeto. Diante dessa falta, o ser humano se posiciona como sujeito do desejo, elegendo seus objetos de satisfação pulsional.

De acordo com Jorge e Travassos:

O corpo de que trata a psicanálise é, pois, diverso daquele que é abordado pelas ciências da biologia, da fisiologia e da anatomia. Recortado pelo simbólico, o corpo pulsional (é bem assim que é preciso denominá-lo) é radicalmente heterogêneo ao imaginário da anatomia corporal e – fato tão decisivo quanto espantoso – não está apenas subdito a nenhuma lei natural (JORGE; TRAVASSOS, 2018, p. 32).

Segundo Jorge, “para Lacan, a pulsão deve ser concebida como o efeito da **demand do Outro**, da linguagem, em sua mais precoce incidência sobre o sujeito ainda nem mesmo constituído enquanto tal” (2005, p. 50, grifo do autor). Portanto, não se trata de um desenvolvimento pulsional em termos de maturação, mas, de acordo com o autor, de um “reviramento da demanda do Outro”. Ou seja, seria a incidência da linguagem sobre regiões corporais que teriam função de troca

com o Outro. Tais regiões teriam estrutura de borda, definidas por Freud como zonas erógenas. Essas bordas não seriam delimitadas a locais específicos, mas espalhadas por todo o corpo, um corpo erógeno, corpo pulsional.

Em *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1964/1999, p. 176) apresenta o conceito de circuito pulsional, que consiste em um trajeto com uma fonte corporal cuja formação é de borda, de onde parte a tendência em busca da satisfação absoluta. Entretanto, “se a pulsão pode ser satisfeita sem ter atingido aquilo que, em relação a uma totalização biológica da função, seria a satisfação ao seu fim de reprodução, é que ela é pulsão parcial, e que seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito”.

Nesse seminário, Lacan (1964/1999) procede a uma leitura do texto em que Freud (1915/2019) apresenta a pulsão como um processo dinâmico, que consiste em uma força incessante, fazendo o organismo tender à sua satisfação, investindo energia em um objeto. É essa energia que liga o sujeito aos objetos e tal ligação pode ser concretizada sob várias formas, por meio dos destinos da pulsão.

Freud, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, afirma que,

[...] simultaneamente com a superação e repúdio dessas fantasias claramente incestuosas, sucede uma das realizações psíquicas mais significativas e também mais dolorosas da época da puberdade, o desprendimento da autoridade dos pais, através do qual se cria a oposição – tão relevante para o avanço cultural – da nova geração em face da antiga (FREUD, 1905/2019, p. 149).

Portanto, ao tratar da puberdade, uma das questões que Freud (1905/2019) nos aponta como de extrema relevância será a separação do adolescente em relação aos pais e, principalmente, que isso não se dá

sem consequências, uma vez que, ao se separar dessa ligação libidinosa e, portanto, incestuosa, o sujeito adolescente estaria apto a buscar novas relações de objeto, novas relações sociais.

Com Costa-Moura infere-se que tal desprendimento nas sociedades tradicionais, apesar de doloroso, era visto como uma passagem demarcada, como um período de transição ou reduzido à duração de ritos a partir dos primeiros sinais da puberdade. Dessa forma, o Outro da cultura já apresentava de forma clara a passagem da família para o laço social. Porém, é com o desenvolvimento da burguesia que a adolescência será marcada por um período mais extenso, regulado por objetivos econômicos:

A adolescência é uma verdadeira metáfora da modernidade inaugurada com a ciência. Tempo que não deriva do simples e linear desenrolar dos dias, mas que advém de um corte – inaugural – no discurso, cujo efeito é de suspensão no campo do sujeito (COSTA-MOURA, 2005, p. 115).

Trata-se de um hiato em que o sujeito teria sua maturidade biológica, porém não o reconhecimento ainda do Outro, simbólico. Dessa forma, o reconhecimento social de ser homem ou mulher somente se dará a partir de sua independência econômica (Melman, 2000). Porém, essa independência deverá ser aguardada e sua tutela continua pertencente aos pais. Ou seja, somente quando o sujeito se torna um agente econômico é que pode tomar sua identidade sexual. Assim, o que se passa para o adolescente é uma mensagem de que há determinados graus de importância na vida: em primeiro lugar, o reconhecimento econômico; depois, o sexual, da ordem do desejo.

Portanto, haveria a impossibilidade de dialetizar, falar a respeito de suas moções pulsionais e, dessa forma, elaborar sua posição de sujeito desejante. Ao contrário, é

nesse momento em que não é criança nem adulto, que se instaura a crise adolescente.

A esse respeito, Melman (1997, p. 29) afirma que “a adolescência representa, na nossa cultura, o que se chama de crise psíquica”. Segundo o autor, a adolescência seria um acontecimento pertinente aos tempos modernos, uma vez que em nenhum outro momento da humanidade falou-se de um mal-estar referente a esse período da vida do sujeito. Seria, assim, um traço específico da cultura moderna e contemporânea.

Melman (1997, p. 30) define o termo ‘crise psíquica’ como “o momento em que um sujeito não encontra o lugar de seu gozo”. Para nos apresentar uma explicação acerca desse conceito, o autor compara o sujeito adulto ao adolescente. O primeiro seria devido a um acomodamento no que tange a hábitos e repetições, encontrando, a partir destes, seu lugar diante do gozo. Entretanto, isso não significa que o sujeito, ao encontrar esse lugar, torna-se independente do amor de seus pais.

O gozo adulto é insatisfatório, uma vez que não há relação sexual que dê conta da total satisfação pulsional. Será nesse momento da puberdade, de possibilidade da relação sexual, que o sujeito colocará em xeque todo o ideal que o mundo adulto lhe apresentou na infância. Diante de um corpo com possibilidade de efetivar a relação sexual, o que antes era da ordem do jogo sexual, da brincadeira, apresenta-se como realidade. Porém, a crise se instala como período de hesitação, de sofrimento, uma vez que, ao se deparar com essa realidade, consegue olhar um mundo adulto mais real, principalmente no que tange a seus pais. Isso significa que, “enquanto na infância seus pais funcionavam, às vezes, mais facilmente no registro do ideal, eis que, com essa crise psíquica, algo se desprende e faz com que o próprio olhar do adolescente fique em posição de ideal, e os pais caiam deste lugar” (MELMAN, 1997, p. 33).

Esse ideal é considerado pela psicanálise como algo não castrado, algo que teria a ideia de completude. Portanto, olhar os pais sem o filtro do ideal é identificar a castração do Outro. Assim, a crise do adolescente se dá no momento que constata que foi enganado. Até então acreditava ocorrer no registro da privação, agora, de maneira brusca, é confrontado com o real do sexo e se depara com a castração.

Os conceitos de frustração, privação e castração são apresentados por Lacan (1956-57/1995, p. 21) em *O seminário, livro 4: as relações de objeto*, no qual identifica que a falta de objeto é um conceito principal da prática psicanalítica e a mola da relação do sujeito com o desejo: “O objeto é um instrumento para mascarar, enfeitar o fundo fundamental de angústia que caracteriza, nas diferentes etapas do desenvolvimento do sujeito, sua relação com o mundo. É assim que, em cada etapa, o sujeito deve ser caracterizado”. Lacan desenvolverá, nesse seminário, as três formas de relação com o objeto.

Na esteira dessa concepção, Alberti (2004, p. 116) nos apresenta a seguinte definição: “encarar o desamparo, as impossibilidades, submeter-se à castração simbólica é o longo trabalho de elaboração da falta no Outro que diz respeito à adolescência”. Em consequência, o sujeito adolescente teria uma separação dos pais idealizados da infância e uma definitiva incorporação do Outro barrado, que já vem ocorrendo desde o final do complexo de Édipo, identificando-se como sujeito do desejo. É um longo trabalho que o adolescente realiza ao perceber que o modelo identificatório da infância já não faz muito sentido e que seus pais não são perfeitos como imaginava.

Entretanto, não é possível falar dessa crise sem ressaltar o papel fundamental da função paterna, ou do Nome-do-Pai, como definiu Lacan.

De acordo com Kaufmann:

A metáfora paterna é uma escrita pela qual Lacan, em seus primeiros anos de ensino, propôs uma concepção da função do pai no complexo de Édipo que permitisse evitar certo número de dificuldades que o próprio Freud e seus seguidores não tinham deixado de encontrar: para justificar a função do complexo de Édipo e de seu fim, descrito por Freud como complexo de castração, convém de fato explicar como o pai se torna portador da lei: nenhum pai, seja ele real ou imaginário, está à altura da função, é capaz de exercê-la plenamente, pois se trata da lei simbólica, isto é, da própria lei do significante, e do pai simbólico há apenas traços no próprio texto do discurso (KAUFMANN, 1996, p. 334).

Em *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, Lacan nos convoca a pensar a constituição do sujeito a partir da relação ternária que passara de mãe-criança-falo para mãe-criança-pai. Esse pai, como Lacan ressalta, não se trata do que está presente no dia a dia da criança como pai real, existente, mas, sim, do pai simbólico:

Agora vou colocar no quadro o esqueminha com o qual pretendo introduzir o que vou lhes dizer da próxima vez, e que nos permitirá fazer a articulação da distinção, que talvez lhes pareça escolástica, entre o Nome-do-Pai, e o pai real – o Nome-do-Pai tal como pode faltar, ocasionalmente, e o pai que não dá a impressão de ter muita necessidade de estar presente para não faltar (LACAN, 1957-8/1999, p. 162).

Portanto, é nesse seminário que o conceito de Nome-do-Pai será apresentado e a função da metáfora paterna definida como estruturante do sujeito. Tal estruturação se dá em um tempo específico para o sujeito, que, por sua vez, constitui-se no campo do Outro. Será a lei da função paterna que irá barrar o Outro materno e, assim, esse sujeito se identificará como um sujeito do desejo.

É nesse contexto que o conceito de identificação ganha força quando se trata de

adolescência. A função paterna possui uma grande potência, que consiste na função de barrar a identificação do sujeito como objeto. É a função paterna, pela via identificatória, que auxiliará a transformação de um objeto de desejo do Outro materno em sujeito barrado que busca seu próprio objeto (ALBERTI, 2004).

Alberti (2004) sustenta a necessidade de reconhecimento da castração não apenas do sujeito como também de seus pais. Nesse momento, o sujeito toma uma posição de sujeito, ascendendo ao seu desejo, porém, sem passar por um momento de perda e, conseqüentemente, por um sentimento de luto, não só do corpo infantil como também da idealização dos pais que, outrora, eram reconhecidos como seres completos e perfeitos.

Será a partir da incorporação do Outro ao longo da infância e de inúmeras experiências que se pode afirmar “que o próprio inconsciente do adolescente é esse Outro agora, alteridade que o eu do sujeito não reconhece como sendo ele” (ALBERTI, 2004, p. 13). A autora sustenta, ainda, que o final da infância é marcado pela definitiva incorporação do Outro da infância, não havendo mais, portanto, a necessidade dos pais idealizados de outrora para lhe dar a sustentação de seu desamparo. Será nessa alteridade radical, na Outra cena (inconsciente), que o sujeito encontrará recursos para lhe servir de baliza. Agora, essas referências identificatórias podem vacilar, possibilitando o encontro com seu próprio jeito, a partir de novas identificações.

De acordo com Santos:

O adolescente precisa realizar a passagem do círculo familiar para o círculo social, uma vez que seu corpo realizou a passagem do corpo de criança para o corpo de adulto. Essa passagem não é fácil, pois ultrapassar a autoridade parental coloca o Eu em conflito direto com o Supereu. Mas se ficar cativo do círculo familiar também

enfrentará o mesmo conflito, porque se permanecer ligado ao objeto primário incestuoso sofrerá por parte do Supereu as mais duras censuras e acusações (SANTOS, 2022, p. 100).

Assim, o adolescente terá como mais uma exigência a mudança de seu objeto de investimento libidinal que esteja além do seu núcleo familiar. É nesse sentido que ocorre a separação das figuras parentais e as fronteiras dos laços sociais são expandidas.

Em se tratando dessa separação/perda e nos debruçando sobre o conceito de escolha de objeto, somos convocados a pensar sobre o mecanismo da identificação. Assim como ocorreu com a primeira escolha de objeto, na adolescência o sujeito deverá lançar mão dessa “ferramenta” para a sua reestruturação.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

ALBERTI, S. *O adolescente e o outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

COSTA-MOURA, F. Adolescência: efeitos da ciência no campo do sujeito. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2005.

COSTA-MOURA, F. Função ética do erotismo e adolescência. In: ALBERTI, S. (Org.). *A sexualidade na aurora do século XXI*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. In: *Obras completas*, v. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 13-172.

FREUD, S. Luto e melancolia [1915]. In: *Obras completas*, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 170-194.

FREUD, S. Os instintos e seus destinos [1915]. In: *Obras completas*, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 51-81.

FREUD, S. Além do princípio do prazer [1920]. In: *Obras completas*, v. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 161-239.

FREUD, S. A organização genital infantil [1923]. In: *Obras completas*, v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 168-175.

FREUD, S. O eu e o id [1923]. In: *Obras completas*, v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 13-74.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, v. 1: as bases conceituais. 11. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

JORGE, M. A. C.; TRAVASSOS, N. P. *Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

JORGE, M. A. C.; TRAVASSOS, N. P. *Histeria e sexualidade: clínica, estrutura, epidemias*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LACAN, J. *O seminário, livro 4: a relação de objeto [1956-57]*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, J. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente [1957-58]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise [1959-60]*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, J. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise [1964]*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, J. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise [1969-70]*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

LACAN, J. O despertar da primavera [1974]. Prefácio. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003b, p. 557-59.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

MELMAN, C. *O que é um adolescente?* In: Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões, 2. Tomo II. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

MELMAN, C. Os adolescentes estão sempre confrontados ao minotauro. In: Associação Psicanalítica de Porto Alegre. *Adolescência: entre o passado e o futuro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997. p. 29-44.

SANTOS, A. J. *Adolescência e a constituição do sujeito: angústia e violências*. 2. ed. Goiânia:

Cegraf UFG, 2022. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/Constituicao_psiquica_do_adolescente_-_e-book.pdf>.

THAIS ERTHAL LEITE RIBEIRO é analista em formação do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro. Psicóloga (UNESA), mestre em Teoria Psicanalítica (UFRJ). Atuou na rede pública de saúde com atendimentos ambulatoriais, na Coordenação de Saúde Mental do município de Bom Jardim - RJ e em ONG voltada para o atendimento com adolescentes. Atualmente atende adolescentes e adultos em consultório particular.

Contato: thaiserthal@yahoo.com.br

Solitude analítica - Uma carta

Por Pâmela Mizurini

Aos cuidados de quem desejar

Durante o meu percurso como psicanalista, sempre me deparei com a afirmação de que ser psicanalista é estar sozinho ou que a psicanálise é uma prática solitária. Contudo, mesmo sem conseguir precisar quando começou, pois reflito que seja algo que responda de meu tempo lógico, para mim, essa sensação de solidão vem diminuindo.

No que esse sentimento começou a surgir, cheguei a me questionar. Já que, mais uma vez, sempre ouvi dizer que a sensação de solidão é comum entre psicanalistas. E, de fato, durante muito tempo em meu percurso analítico, corroborei com essa afirmação por me sentir extremamente solitária, principalmente no que diz respeito à escrita, levando essa angústia para algumas sessões de minha análise pessoal. Parto normalmente de uma escrita muito acadêmica, repleta de referências bibliográficas e normas gramaticais. Exigências para quem frequenta uma instituição acadêmica que, no meu caso, nesse momento, se trata do meu percurso de doutoramento na Universidade Federal Fluminense. Mas, como você perceberá, dessa vez essa escrita desejante está um tanto diferente...

Uma vez, estava escutando um analisante que falava sobre o seu sentimento de solidão, e, num momento oportuno, pontuei em forma de questionamento se ele sabia a diferença entre solidão e solitude. Pronto! Nesse momento, eu também pude me ouvir. Esse significante "solitude" ficou reverberando em meus pensamentos durante alguns anos. Já que passar os dias no consultório, mesmo ouvindo sujeitos desejantes, é uma prática um tanto taciturna, pois, como sabemos, a posição de

um psicanalista diz respeito a estar em um lugar de resto.

Teve uma vez, quase saindo de casa para mais um dia no consultório, minha filha de três anos me perguntou: "Mãe, por que você tem que trabalhar? fica comigo!" Sem saber muito como me explicar para ela e a angústia batendo em minha porta, julguei equivocadamente que naquele momento ela não compreenderia o meu desejo de ouvir, e, com isso, apenas respondi: "Porque a mãe escuta o que as pessoas falam com o coração." E para a minha surpresa, ela entendeu até mais do que eu esperava. E foi aí que lembrei que aprendi com Freud, que falar de psicanálise é falar de amor.

E por falar em Freud, alicerce de minha formação continuada, reflito que esse é um pilar psicanalítico que mais evidencia esse lugar das práticas solitárias, pois, apesar de muitas vezes lermos seminários em conjunto, ainda assim, cada um só pode lê-lo a partir de sua própria singularidade.

Mas como que, diante dessas experiências que relatei, não me sentiria solitária? Zelosamente, no Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro, temos uma atividade denominada de Secretária Clínica, que também nos enoda com a atividade do Dispositivo do Caso Clínico, um momento em que podemos ter uma supervisão com um analista da escola de acordo com a nossa transferência e junto a alguns pares. Essa experiência acontece independente e para além da supervisão que já existe em minha prática clínica na condução e na direção do tratamento dos meus analisantes.

Esse semestre, durante a dissolução dos grupos que são formados para a transmissão psicanalítica e para as supervisões do

Dispositivo do Caso Clínico, que envolvem a nossa prática como analistas em formação, alguns de nós fizemos uma troca muito profícua, de como que essa experiência riquíssima evidencia nosso trabalho, que parte de uma artesanaria analítica, mas que também consegue nos colocar a experimentar diversos lugares; já que estamos envolvidos na transmissão da psicanálise, quando apresentamos com rigor analítico algum tema. Conjuntamente, exploramos esse lugar de aprendizagem e de formação continuada, quando estamos assistindo outros analistas em formação nesse lugar de transmissão. Em um momento pertinente, experimentamos o lugar de uma escuta supervisionante, quando apenas ouvimos respeitosamente um analista levar o caso clínico dele para a supervisão do Dispositivo do Caso Clínico, e no final, somente quando nos é dada a palavra, temos a experiência de compartilhar nossos apontamentos sobre o que ouvimos. E, por último, mas igualmente importante como todos os outros, do lugar expressivo de quem toma a supervisão, a partir do qual posso falar em associação livre sobre o caso que levei. Além disso, elaborar condução do caso de acordo com a transmissão psicanalítica recebida naquele momento de um psicanalista da escola com quem possui transferência e também dos meus pares.

Esse conjunto entre teoria, transmissão, prática analítica, análise pessoal e supervisão, só corrobora sobre o tom da transmissão da escola sobre minha formação. E foi a partir dessa dissolução do Dispositivo do Caso Clínico que, quando retornei à minha casa, pude compreender, em um só depois, que hoje o que sinto, não responde mais de um lugar de solidão, mas, sim, de uma solidude analítica. E eu imagino que você deve estar se perguntando: Sobre o que seria isso?

Bem, estar em solidude analítica não significa estar sozinho. Passei a repensar que a minha formação continuada envolve uma solidude e não uma solidão. A diferença é que quando eu respondia desse lugar solitário que carregava a reboque as experiências que tive de início ao conhecer a psicanálise, eu imaginava, é claro, que não teria acolhimento e escuta sobre o que escrevia ou transmitia. Mas elaboro que foi a partir da minha entrada no Corpo Freudiano em 2017 e principalmente meu pertencimento à Secretaria Clínica nos últimos anos, quando paro para pensar, chego a uma conclusão não-toda mas que a todo tempo estamos lidando com outros psicanalistas. Ou seja, estou lidando com outros sujeitos que são os meus pares, que, por transferência ou não e cada um à sua maneira, atravessam o meu percurso e a minha formação psicanalítica, em que eu posso recorrer ou não, as devidas trocas sobre a artesanaria da qual responde minha práxis analítica. Estudar a teoria psicanalítica continua sendo difícil, mas está um pouco mais leve e menos árida.

Costumamos afirmar, a partir de Lacan, que um analista só se autoriza por si mesmo. Mas às vezes não nos atentamos à importância do complemento dessa frase, que aponta que não basta apenas essa autorização pessoal e unilateral. Ela também precisa ser reconhecida por alguns outros. E é com esse ensinamento lacaniano que a solidude analítica passa a fazer mais sentido para mim, por saber que, por transferência e escolha, meu processo pode ser menos solitário.

Grata pelo seu tempo.

Atenciosamente,

Pâmela Mizurini, uma psicanalista em formação.

PÂMELA MIZURINI é analista em formação do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro. Doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade Federal Fluminense.

Contato: pamelapsicanalista@outlook.com

acontecidos

Nos dias 28, 29 e 30 de novembro, ocorreu em Pirenópolis (GO) o *XIV Encontro Nacional e XIV Colóquio Internacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - O laboratório do analista: ética e poética*, organizado pelo Corpo Freudiano Seção Goiânia. O encontro contou com 343 inscritos.

O evento foi composto por conferências de Denise Maurano, Rosana Coelho, Sonia Leite, Marco Antonio Coutinho Jorge, Jean Michel-Vivès, Mario Eduardo Costa Pereira, Isildinha Baptista, Roberto Mello, Eliana Rodrigues Mendes, Jorge Sesarino, Ana Suy, Hilda Fernandez-Alvarez, Inês Catão, William Amorim, Maria Ormy, Marcella Labossière, Ruben Demartini e Renata Arouca.

Além das conferências, também aconteceram a instalação CorpoFraktal, encabeçada por Eufrásio Prates, um varal de poesias de autores brasileiros, lançamento de livros de poesia de autores associados ao Corpo Freudiano e intervenções artísticas e musicais apresentadas por Numa Ciro, Gleyston Silva, Jerônimo Forzani, Dani Frisson e Delírio e pelo Grupo Euterpe.

Ressaltamos ainda o número expressivo de mesas de apresentações de trabalhos inscritos por analistas, membros associados e analistas em formação da escola, de diferentes seções e núcleos, além de trabalhos de não associados à escola. Ao todo, foram 129 trabalhos apresentados, distribuídos em mesas simultâneas ao longo dos três dias de evento.

Na próxima página, é possível conferir algumas fotos, que permitem visualizar a sala principal onde ocorreram as plenárias.



